

# O INIMIGO

ANO 4 — Nº 11 — Cr\$ 20,00 —  
MAIO/JUNHO/JULHO/AGOSTO/80 — SALVADOR, RIO, SÃO PAULO E  
PORTO ALEGRE

UM JORNAL ANTIMONARQUISTA

## DOREI

# anarquismo e a CNT hoje



## O RACISMO AMERICANO VOLTA A MATAR NEGROS

**MIAMI 80**

## A ESTRUTURA SINDICAL ESTÁ PODRE E VAI TER QUE MUDAR

**GREVES**

## METALÚRGICOS DO ABC DESMASCARAM "ABERTURA"

NÓS TAMBÉM TEMOS  
NU FRONTAL: ZÉ CELSO MARTINEZ, DO OFICINA.

## PAPA VEM ALIMENTAR ALIENAÇÃO

# QUEM TEM FOME PRECISA DE PAPA?

Ninguém tem o direito de condenar o Papa por ser religioso, nem tampouco questionar seu direito a dedicar toda a sua vida à adoração de abstrações. Agora, todos têm o direito, e devem por obrigação política, refletir a respeito da função política que o

Papa exerce atualmente no mundo que não tem nada de religiosa, muito pelo contrário, atende a interesses muito claros.

Ser católico, durante longos anos do primeiro milênio, era o mesmo que ser "subversivo" hoje em dia. O Império Romano tratava de lançar às feras todos aqueles que falavam sobre a igualdade dos homens pregada por Cristo. Mas, tão logo foi legalizada, a religião começou a ser professada pelas classes dirigentes, ficou patente que não passava de mais uma ideologia de contenção de massas. Tanto isto é verdade que os mesmos católicos que iam ser devorados pelos leões em Roma, são aqueles que se apossam de dois terços das terras aráveis da Europa Ocidental na Idade Média e colocam o povo sob o tacão da Igreja sob a condição de servos.

A ideologia da igualdade só serve enquanto não se está no poder.

Depois de sua queda triunfal como classe dominante a Igreja primou-se pelo "espírito de sobrevivência", única coisa que lhe restava num mundo cada vez mais cético a respeito da validade ou não de se acreditar em coisas míticas.

Daí por diante a Igreja serviu a todas as classes que dominaram os mais diversos povos. A mais recente união foi a de Pio XII com Adolf Hitler durante a Segunda Grande Guerra, quando o primeiro desencorajava, abertamente, a reação alemã contra a ascensão do "führer".

E, curiosamente, a renovação do fervor religioso reaparece em um momento de profunda crise internacional. E isto só vem confirmar que o homem só procura a religião quando não se lhe é dado ter esperanças na sociedade dos homens, na solidariedade de todos os homens, nas coisas concretas. O desemprego alastra-se pelo mundo, a crise energética desencadeia uma crise econômica que coloca em xeque tanto Leste como Oeste e seus sistemas de organização social.

Quando o mundo encaminha-se para um colapso do qual pode surgir uma nova ordem mundial, como sempre ocorre em períodos de crise, aparece Sua Santidade, pregando o amor (mas a absoluta intolerância em relação às mulheres, ao aborto, aos homossexuais etc.), a concórdia (mas resguardando que a verdade é propriedade sua) e "o Evangelho".

Vai à Polônia marxista, mas não inspira ninguém a rebelar-se contra o regime que está levando o país ao caos econômico. Pelo contrário, sua ida serve de instrumento ao Partido como forma de atenuar os efeitos da crise. Gierek rejubila-se com o "fervor religioso" de seu povo e chega a ir à missa.

Na África, João Paulo II visita ditadores horrendos como Mobutu Sese Seko, do Zaire, mas não fala dos presos em campos de concentração no Alto rio Zaire, fala do "amor em Cristo" a uma população que já sublevoou-se várias vezes contra a ditadura apoiada pelo capitalismo internacional.

E agora vem oficialmente ao Brasil e tem um encontro reservado de meia-hora com o general Figueiredo, sem intérpretes. Conversaram por certo sobre o "mistério da Ressurreição". Num país como o nosso, onde milhões de nordestinos saqueiam cidades em busca de comida, onde legiões de subempregados e desempregados vagueiam pelos centros urbanos, onde a repressão policial tomou conta das ruas para evitar um assalto final das classes exploradas (90% da população), o que menos precisamos é de um líder religioso; embora os líderes religiosos saibam que, é justamente nossa fome que nos leva a crer em coisas que não existem, transformando-nos em dóceis instrumentos de seu jogo de Poder.

Até agora ainda não ficou claro o que quer esta nova Igreja de João Paulo II. Se ela quer voltar a ser classe dominante e ter Poder como na Nicarágua "revolucionária" onde padres são ministros, ou se ela quer apenas continuar servindo às classes dominantes de todos os países.

Uma coisa é certa, e isto os extremistas de direita no Brasil têm que compreender, eles que vêem "padres comunistas", o que a Igreja tem menos interesse é que na alteração do "status quo", afinal, ela faz parte do sistema de exploração e dele se alimenta.

Se a Igreja dá um templo para uma greve de operários, não é para que os operários deflagrem uma Revolução. Nunca. É para que os operários não tomem no peito os locais antes marcados para suas assembleias. A Igreja é contenção social e não revolução social. Ela sabe que, no caso de revoluções, ela sempre sai perdendo, pois as primeiras propriedades confiscadas são as suas e o primeiro ócio a ser denunciado é o seu. Portanto, ninguém se assuste quando uma assembleia operária for realizada num templo, o máximo que pode acontecer é o arcebispo local se tornar um Khomeini, tomar o lugar dos ditadores e fuzilar metade da população.

Sempre que o Poder esteve em mãos de religiosos, o mundo passou por seus piores momentos de obscurantismo. A fé religiosa renasce nos momentos de fome atual e em vez de Papa, as pessoas deveriam estar lutando por papa, com seus próprios meios e não esperando que caia do céu.

## De pelegos a policiais

AURÉLIO VELLAME

Adotada a recessão como comportamento oficial, uma previsão se faz funesta para o futuro presente: todas as fontes oficiais indicam o caminho do desemprego em larga escala. Sem controle demográfico, será difícil conter um exército de desempregados, desde os peões até os colarinhos brancos. As nuvens negras no horizonte do regime indicam o macrodesemprego quase como um exercício de sadismo contra todos os brasileiros que, exceto poucos, só podem viver sob carteiros assinadas.

Não há como ajustar o sistema educacional à procura de vagas. O resultado é uma Universidade divorciada do mercado de mão-de-obra, com escolas fantasmas que lançam titulados na briga pelo emprego, mas que logo descobrem o logro em que caíram: não basta um canudo, é preciso vagas. Três ministros brasileiros já indicaram, às suas clientelas, o caminho a seguir. Galvêas: pela racionalização, por menores salários à custa de uma vaga a menos. Camilo Penna: assombra-se com os milhões de empregos que

devem ser criados, porém, como? Só mudando o regime. Mas este não é o caso destes senhores. Como não é do último desta trolka que lida com o sujo negócio de suor alheio: Murilo Macedo. E este dispõe de clientela mais cordata de todos para cumprir o papel de Judas do proletariado: a máquina peleguista sindical, apoiada com dinheiro de todos os trabalhadores (a tal contribuição sindical que se desconta todos os anos) uma estrutura burocrática, cujo mal é a sua própria existência. Um regime incapaz de responder à sua própria agonia lança mão de um bando de subfuncionários para reciclar de cá para lá, remanejar, organizar o desemprego.

Assim os pelegos de ontem são convertidos em policiais de hoje. Organizam as listas para que as empresas racionalizem melhor e ganhem mais dinheiro ainda à custa do trabalho dos que não vão para o olho da rua. Fechem com os mais representativos políticos deste capitalismo insolúvel e fazem, de um sindicalismo de papel o instrumento legalista para calar as vozes daqueles que não chegam a ser Oposição Sindical. Apenas defendem o seu segundo sagrado direito humano mais importante após a vida: o Direito ao Trabalho.

## Os jornalistas d'O Inimigo do Rei são também jornaleiros

Aos colaboradores e a todos que desejam escrever para O INIMIGO DO REI: este é um jornal autogestionário. O que significa isto?

Significa que todas as tarefas são divididas igualmente entre todos os pertencem ao corpo editorial: todos participam das tarefas administrativas, intelectuais e, principalmente, braçais.

Significa que o indivíduo que publica qualquer coisa no "O INIMIGO DO REI", terá como obrigação vender o jornal de mão-em-mão em bares, praias, cursinhos, universidades, teatro, etc. Ou então colocar o jornal em bancas se responsabilizando por uma quantidade "x". Esta é a maneira que encontramos de acabar com a diferença entre trabalho intelectual e braçal, uma das hierarquias que perpetuam a dominação de um homem pelo outro.

Aos espertinhos que utilizam-se da sessão de Cartas para não necessitar trabalhar pelo jornal, avisamos que não serão aceitas cartas-editoriais a não ser daqueles que vendem braçalmente o jornal.

Por outro lado, não temos nenhuma censura. As pessoas não precisam ser formadas em universidades para escrever no O INIMIGO DO REI. Podem até nem ter frequentado escola primária. Basta que saibam escrever. Não procuramos nível nos textos: isto é censura da criatividade. Cada um escreve o que quer, como quer.

Agora, não nos sujeitamos a que ninguém nos apresente trabalhos para serem publicados sem que o interessado esteja disposto a trabalhar na vendagem e distribuição do jornal. Senão seríamos explorados por pseudo-intelectuais maravilhosos que são tão exploradores quanto a burguesia.

Finalmente, convidamos a todos os interessados a participarem do nosso jornal, pois está aberto a todos, sem distinção.

A todos os que queiram ser jornalistas e jornaleiros.

"Onde existe autoridade, não existe liberdade"

WOODCOCK

## EXPEDIENTE

O INIMIGO DO REI é feito pela seguinte equipe em ordem de sorteio: Lídio Barros, F. Silva, Aurélio Vellame, Alexandre Ferraz, Kátia Regina Borges, Carlos Augusto Rodrigues, Antônio Carlos Pacheco, Antônio Fernandes Mendes, Ricardo Liper, Maria Teresa, Augusto César Maia, Malsa Ferreira, Nelson Tangerini, Edgar Rodrigues, Zezinho, Maurício Tragtenberg, Geraldo Barros Filho, Zéca, Xavaco, Nelson Schocair.

Capa: Carlos Augusto Rodrigues. Diagramação: Antônio Carlos Pacheco.

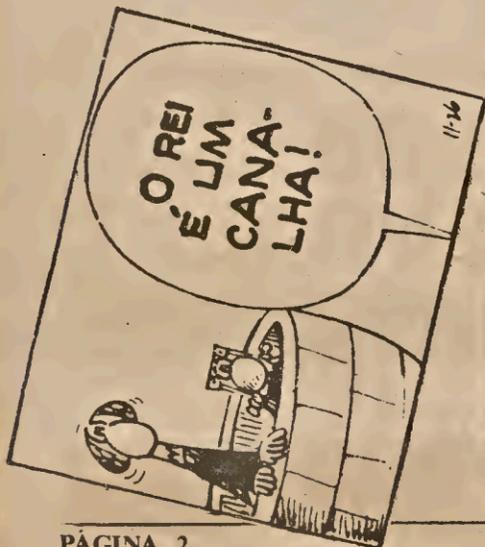
O INIMIGO DO REI é uma publicação da Editora e Livraria "A" (CGC/MF 14727871/0001-63). Rua 21 de Abril, nº 08, Sala 21, Relógio de São Pedro, Salvador, Bahia, Brasil.

Endereço para correspondência: Caixa Postal 2540, Salvador, Bahia, Brasil, CEP 40.000.

Preço do exemplar avulso: Cr\$ 20,00. Assinatura anual: Cr\$ 150,00. Exterior: US\$ 20.

AOS ASSINANTES:

- 1) Não chegando qualquer número, avise-nos.
- 2) Comunique-nos mudanças de endereço.



# AMERICANOS ASSASSINAM OS NEGROS

A "DEMOCRACIA" VIOLENTA E RACISTA DOS ESTADOS UNIDOS

→ ANTÔNIO CARLOS PACHECO

A violência racista dos norte-americanos explodiu novamente depois de 13 anos do "Verão Sangrento" de 1967 e desta vez foi em Miami, onde 19 pessoas morreram, mais de 400 ficaram feridas e quase 500 foram presas.

Não é nem necessário dizer que a maioria dos mortos, feridos e presos são negros.

Os conflitos tiveram início no ano passado, quando quatro policiais brancos da Flórida abordaram um vendedor de apólices de seguros, de cor negra (como não poderia deixar de ser), que avançou um sinal vermelho com sua motocicleta.

O vendedor (não era um "ghettist" miserável, era um "white collar"), James McDuffie, antes que pudesse se explicar foi violentamente arrancado da moto e começou a ser injuriado. Depois foi agredido a socos e ponta-pés e finalmente foi morto a pancadas pelos quatro policiais brancos.

Apesar de testemunhas oculares do acontecido, os policiais não foram detidos, ficaram aguardando julgamento em liberdade e o julgamento foi arrastando-se até que um juiz de Miami (que fica no Condado de Dade), informou que não se julgava capaz de dar um veredito sobre os quatro racistas-policiais.

O julgamento foi transferido para Tampa (também no Condado de Dade), onde a maioria absoluta da população é branca e onde todos os jurados que iriam participar da encenação jurídica eram brancos.

Aqui cabe uma digressão. O Condado de Dade é tristemente famoso em todos os Estados Unidos, pois foi ali que a ex-meretriz Anita Bryant (que também já foi "Miss Laranja"), iniciou uma cruzada nacional contra os homossexuais americanos.

Pois bem, logo de início, os jurados brancos de Tampa recusaram-se a classificar os policiais de assassinos e chamou o assassinato de McDuffie de "incidente".

Na primeira quinzena de maio deste ano chegou-se ao final do julgamento com o juiz branco racista declarando que os policiais eram inocentes e que tudo ocorreu sem premeditação ou ódio racial.

## REPERCUSSÃO

A notícia da absolvição dos quatro racistas-policiais-assassinos em Tampa logo correu toda a Flórida e começou a haver manifestações pacíficas exigindo a condenação dos réus, até que no dia 17 de maio os negros perderam a paciência e a fé na "Justiça Americana" e começaram a atacar os brancos, fossem civis, policiais ou o diabo, numa justa luta de revide pela falta de respeito com que são tratados.

Todos exigiam a condenação dos quatro policiais que apenas foram afastados da polícia.

Os distúrbios do dia 17 de maio iniciaram-se em Liberty City, um "ghetto" negro de Miami e logo espalhou-se a Brownsville, com saques a diversas casas comerciais, depredação de delegacias de polícia e instalação de franco-atiradores para abater, muito justamente, os guardas nacionais brancos que vinham reprimir as manifestações negras.

A violência alastrou-se por todo o Condado de Dade e ao final de três dias de conflitos 19 pessoas morreram, a maioria negros, barbaramente assassinados por policiais que

queriam acalmar os "blacks" com "exemplos".

Mas os capitalistas americanos só ficaram assustados com uma coisa: nos saques e pilhagens os prejuízos elevaram-se a mais de 100 milhões de dólares (Cr\$ 5 bilhões).

Para sufocar a rebelião negra o governo de Washington mandou mais de 4 mil guardas nacionais e decretou o toque de recolher no condado. A situação ainda continua tensa, no entanto, pois as raízes da revolta ainda são mais profundas do que supõem os racistas.

## O CASO VERNON JORDAN

As organizações racistas norte-americanas, indignadas com a revolta negra em Miami, ensaiaram uma demonstração de violência no dia 29 de maio em Fort Wayne (Indiana) e alvejaram com vários tiros o líder negro Vernon Jordan, que ainda encontra-se hospitalizado.

Jordan é militante da National Urban League, uma organização moderada que luta pelos direitos civis dos "blacks".

Até o FBI (notório agente das forças mais reacionárias nos EUA e culpado de assassinato de líderes negros e esquerdistas na década de 60), admitiu que o atentado contra Jordan era "parte de uma conspiração".

Grupos como a Ku Klux Klan e outros, vivem ameaçando negros, e hispano-americanos ("chicanos") de uma violenta guerra se eles começarem a fazer alarde pelos seus direitos civis e o atentado a Jordan é apenas um aviso.

## AS RAÍZES DA CRISE

O problema real que ocorre com as minorias nos Estados Unidos é que o país está enfrentando uma das mais graves crises econômicas de sua história. Entre 6 e 8 milhões de pessoas estão desempregadas, um número surpreendente para a economia capitalista modelo.

Destes desempregados, a maioria é de negros e outras minorias, que são aqueles que sempre pagam pelas crises no capitalismo.

Sabe-se que entre "blacks" e "chicanos", os Estados Unidos têm mais de 30% de sua população. Isto significa cerca de 60 milhões de pessoas entre dificuldades econômicas e miséria absoluta no "Paraíso da Liberdade e da Abundância".

Cidades como Detroit (Michigan), Newark (New Jersey) e o bairro Watts em Los Angeles (Califórnia), já foram centros de profunda crise de violência em 1967. Os negros revoltaram-se contra a miséria e a discriminação.

O "establishment" encontrou uma fórmula mágica para acalmá-los. Nestas cidades os prefeitos e chefes de polícia passaram a ser negros vendidos ao sistema.

No entanto, o problema principal, que é econômico, continua persistindo. O que os negros querem é que quando houver crise econômica, não só eles paguem, como está ocorrendo atualmente.

Que a miséria, não seja privilégio de negros, como ocorre normalmente.

Em verdade, os Estados Unidos estão se transformando num barril de pólvora. Agora mesmo, admitiram mais 100 mil cubanos que fugiram da ditadura fascisto-marxista de Fidel Castro. Com isto aumenta cada vez mais o número de americanos não "Wasp" (White, anglo-saxon, and protestant). E estes



"chicanos" e "blacks" é que fornecem a mão-de-obra a preços aviltantes e que geram a mais-valia que sustenta o sistema de desigualdades.

Acontece que nenhum regime de exploração é eterno.

## LEMBRANDO SARTRE

Por enquanto o Sistema americano poderá ir contornando as crises que surgirem, como a de Miami e poderá mesmo suportar outro "Verão Quente" como o de 67. Mas nada garante que o Sistema suporte, daqui a pouco mais de 10 anos, o vertiginoso crescimento da legião de miseráveis não-brancos: cada vez mais organizados, cada vez mais politizados, cada vez mais visceralmente conscientes que é o capitalismo vigente que gera as desigualdades monstruosas no país e é, em última instância, o motor para os sentimentos racistas.

O racismo aumenta como subproduto da crise econômica e aqui cabe lembrar Sartre: convidado para dar palestras milionárias nas universidades americanas, o filósofo anarquista apenas respondeu: "não ponho os pés em país racista". O mesmo não ocorreu com Bernard Shaw, este chegou a pisar no país racista e perguntando se tinha visitado a Estátua da Liberdade ele respondeu: "minha ironia não chega a tanto".

Não somos Sartre nem Shaw, mas podemos profetizar que os grandes agentes das mudanças que derrotarão o capitalismo americano (e conseqüentemente seu imperialismo no mundo), são as vítimas do racismo de hoje.

## URSS prende líder sindical

A KGB (polícia secreta do regime stalinista russo) prendeu, no início de junho, o líder sindical dissidente VLADIMIR BORISOV ele é fundador do SMOT (Sindicato Livre Interprofissional de Trabalhadores), órgão desvinculado dos sindicatos pelegos do Estado russo.

Vladimir foi seqüestrado por agentes no centro de Moscou e no dia 12 de junho apareceu preso em Leningrado. Sua mulher, IRINA KAPLUN, pede a todos os operários e demais trabalhadores do mundo que escrevam às embaixadas soviéticas para que soltem seu marido.

Borisov já foi detido várias vezes e internado nos campos de concentração soviéticos.

Solidariedade com o camarada Borisov que luta contra a tirania da Nova Classe dirigente que esmaga os trabalhadores soviéticos!

Todos os sistemas políticos faliram. Resta o Anarquismo

JOSÉ OITICICA

# DA HISTERIA DA DIREITA OU DA HIPOCRISIA DA ESQUERDA OU DO GENOCÍDIO DO NEGRO

→ Ari Araújo (Rio)

O "marginal brasileiro," a que se referia Zé Kéti, envolto numa aura de romantismo, "dando duro no baralho pra poder viver," simplesmente: já era!

A cada dia acentuam-se os desníveis de renda e, em favor da maior riqueza de uma minoria cada vez menor, aumenta a pobreza de uma maioria cada vez maior.

Aumenta a pobreza da maioria do povo brasileiro. E quem constitui esta maioria? O negro. O negro brasileiro. Este mesmo negro que, com a manobra política da Abolição, foi tornado "livre" para morrer de fome.

Este mesmo negro que, chegando às cidades, veio a constituir a massa marginal que sempre engrossou o "exército industrial de reserva" do nosso sistema capitalista incipiente e colonizado.

Só que este negro já "valeu" mais. Se não, vejamos:

Ao tempo da "manchã negra de nossa história," ao tempo da escravidão, quando roubava ou cometia qualquer "delito" passível de pena, o negro era açoitado, torturado, posto a ferros, sofria, enfim, toda a sorte de iniquidades capazes de lhe fazer pesar muito mais sobre seu ombro, sua situação de escravo, de mercadoria. Mas sua vida era mantida. Sua vida valia dinheiro, "capital empatado." (E quem quiser saber mais sobre a importância de sua vida em tais condições, que leia Antonil).

Quando se revoltava e fugia, organizando-se em seus Estados Independentes (leia-se: Quilombos) a MÃO BRANCA do Senhor (que à época representava o Sistema) enviava em seu encalço os Capitães-do-Mato a fim de recuperá-lo. Podia, então, se capturado, ter sua orelha cortada, gravado em sua testa o "F" de fujão, sofrer açoites e torturas e causar ao Senhor o prejuízo de alguns mil réis, mas valia mais vivo.

E o (a) MÃO BRANCA do Sistema vai desovando a média de 4 a 5 presuntos por dia há três meses. Mais de 450 pés-de-chinelo liquidados numa viagem sem volta em pouco mais de 90 dias. E promete, entre ironias e gargalhadas, continuar. Promete uma Aleluia de Sangue. E tem o aplauso da população, simplesmente apavorada!

E juristas e autoridades diretamente, ou não, envolvidas no problema chegam a declarar textualmente "que o Mão Branca não existe". Mais de 400 negros condenados sem defesa, assassinados sumariamente em tão curto espaço de tempo e — pasmem! — seus assassinos não existem! Tudo isso é fruto da imaginação do povo, criação de determinado repórter para aumentar a tiragem de seu jornal, saldo de "guerra de quadrilhas", mas, ao fim e ao cabo, uma "coisa" inexistente.

Relembrando a memorável frase dada à divulgação por um dos maiores filósofos de nosso tempo, Sérgio Porto: "restaure-se a moralidade ou nos locupletemos todos".

Em suma, repete-se hoje, na prática — já que este "exército industrial de reserva" se tornou tão grande a ponto de ameaçar o Sistema — repete-se, enfim, em relação ao negro brasileiro que não é mais mercadoria tão cara nem tão valiosa, a máxima cumprida à risca no que se refere ao genocídio do índio: "Índio bom é índio morto".

Não basta, hoje, ao negro ser "um negro de alma branca". Pelo andar da carruagem "negro bom é negro morto".

E onde entram as "esquerdas" brasileiras nesta brincadeira: desempenhando com maestria seu papel de ocidentais (colonizadas), vitorianas, oportunistas (de direita e de esquerda), limitadas prática e teoricamente e racistas também. (Que nos perdoem as exceções, e elas existem).

Quando a MÃO FORTE do Sistema se abateu sobre os filhos da pequena burguesia (e da própria) todos souberam — tão logo as novas regras do imperialismo "abriram" — botar a boca no trombone contra as absurdas torturas, a violência, o desrespeito aos direitos humanos, etc. E note-se que não estamos justificando nada disso, e que engrossamos os clamores contra o fascismo ditatorial. Queremos saber apenas **onde estão os direitos humanos do negro?** Queremos saber por que se calam as "esquerdas" brasileiras nesta hora? Por que se limitam a alguns vagos comentários pretendendo igualar situações dadas em contextos diversos, desde que mendigos eram "atirados ao Rio da Guarda, passan-

do pela ação dos Homens de Ouro e sua degeneração no famigerado Esquadrão da Morte até a situação atual?

Ora, posto o negro em "liberdade", aqueles não ou semi-qualificados profissionalmente para enfrentar as novas condições que o Sistema impunha, tinham mesmo que vir a ocupar seus espaços marginais.

Até a década de 50, meados de 60, ainda deu pra malandro tentar a bandola, viver de expedientes, dar suas mordidas, esgueirar-se e ludibriar o Sistema (e bota jogo de cintura nisso) e sobreviver, mesmo com a maré esquisita até pra peixe.

Com a nova situação vigente a partir de 1º de abril de 1964, no entanto, as coisas engrossaram. Paralelamente ao processo de integração unilateral do negro à sociedade brasileira e seu já amplo e exaustivamente denunciado processo de "embranquecimento", deu-se o processo de "achatamento" salarial (o crescimento do tal bolo que, afinal, nunca foi dividido) afetando a pequena burguesia, provocando sua, cada vez mais acentuada proletarianização (e como as "classes médias" têm horror à pobreza!), ao operário e ao negro brasileiro (cuja grande diferença do branco pobre é que "além de pobre é preto").



E se o negro já constituía "o grosso" da população marginal — e qualquer estatística efetuada em nossas prisões pode provar isso sem precisar manipular dados — passou, a partir daí, a engrossá-la em proporções ainda maiores.

E já que falamos em prisões, tentemos resumir, em rápidos traços e em breve parênteses, como se "forma" um bandido: crescido, socializado em verdadeiros "guetos", em meio à violência, apreendendo o tempo todo a se defender (facilmente a prática nos demonstra que a melhor defesa é o ataque), aprende, também, através do exercício diário de um código de solidariedade necessário à sua sobrevivência, a cultivar a maior bronca dos "home", que não são mais que o braço armado do Sistema ocidental colonizador.

Daí ao domínio do tóxico e ao primeiro ganho micha em cima de qualquer otário (numa boa ou na marra), isto sem contar as eventuais vadiagens, (já que este negócio de privacidade do domicílio só vale para bacana, e segura malandro um "155" em casa, puxando um ronco e tendo a porta arrombada a pontapés em qualquer uma das incontáveis "operações" qualquer coisa), em suma, qualquer

besteira dessas cujas causas — por menos que queira admitir a sociologia oficial — são a miséria, a subnutrição que atrofia a capacidade mental do indivíduo, a pobreza, as condições "subumanas" de existência, o preconceito e a discriminação, por fim, qualquer vacilação, resulta num tremendo piau, na humilhação, no aumento da revolta e, com alguma sorte de não ter que "assinar" alguma gelada, em "reclusões" de um a três anos.

Egresso, então, da Universidade do Crime (seus Institutos são os presídios e os "cursinhos" vestibulares podem ser feitos na Funabem ou em qualquer DP), além dos compromissos assumidos "lá dentro" — onde pra continuar macho tem que aceitar proteção ou virar fera — o, digamos, ainda candidato a bandido terá que enfrentar "cá fora" a desconfiança, o preconceito, a intolerância e a falta de apoio de toda a sociedade.

Daí ao envolvimento maior com o tóxico e ao segundo, terceiro e a infundáveis ganhos, a distância é nenhuma. (Consultem-se as estatísticas de "recuperação" do DESIPE e ver-se-á que não nos afastamos um milímetro sequer da verdade nua e crua dos fatos).

Este, enfim, o quadro dominante. Contudo, devido aos mais de 15 anos do "arrocho" a que já nos referimos, a situação tinha mesmo é que piorar. E piorou!

Hoje a vida deste negro vale nada, e o (a) MÃO BRANCA do Sistema mata. E como mata!

Desde inícios de janeiro/80, motivada, acobertada e justificada por eficiente campanha deflagrada pela chamada "grande imprensa" e mais alguns "nânicos" contra A VIOLÊNCIA NAS RUAS, A CRESCENTE ONDA DE ASSALTOS, A ESCALADA DA VIOLÊNCIA, ou que títulos mais se lhe dêem, o (a) MÃO BRANCA do Sistema, como resposta ao clima de histeria dominante, passou a matar, a executar sumariamente os considerados irrecuperáveis.

Passou a matar, não só com impunidade, como também com o pleno apoio e simpatia:

a) do pobre, incluindo-se aí o negro que conseguiu furar a barreira da marginalidade;

b) do pequeno-burguês, cioso de seu "patrimônio" cada vez amealhado com mais dificuldade; e

c) das camadas postas ao topo da pirâmide social, das forças mais obscurantistas, retrógradas e reacionárias. Dessa gente que sempre teve "horror" do povo, já que seu inconsciente coletivo guarda, deste mesmo povo, o temor: o medo. Este mesmo medo que se traduz, a nível da análise do preconceito e de raízes históricas mais profundas, no medo do negro.

Calam-se porque são hipócritas! E são racistas! E também têm medo do negro. Calam-se porque o (a) MÃO BRANCA do Sistema não está mais voltada com seus "canos" para a pequena burguesia intelectualizada, os falsos (?) "líderes das massas", mas sim contra a submassa, o marginal, o cocô-do cavalo-do bandido, o que não tem vez, o pária, o coitado (analisar-se a etimologia do termo).

A pequena burguesia intelectualizada (ou não), de direita (e de esquerda), no fundo, sente-se segura e corre menos risco de ser assaltada pela ação eficiente (por que não dizer efficientíssima) do (a) MÃO BRANCA que lhe garante esta tranqüilidade. Afinal, ele "não mata trabalhador". (Éta discurso falso!). Dá até pra gente pensar que o raciocínio é o seguinte: pelo "dogma", o equilíbrio no poder de barganha do assalariado, logo, se estão sendo exterminados ótimo! Mesmo que isto signifique o extermínio do negro, mesmo que isto signifique o extermínio de parte significativa dessa mesma "massa" que sempre quiseram liderar e à qual nunca conseguiram chegar pois falam outra linguagem, não conseguem entender seus códigos (eles são negros, filhinhos!).

Vão ser falsos, oportunistas, covardes, burros, racistas e histéricos assim no Inferno!

Enfim, ou encontramos uma saída brasileira para nossos problemas, em que nossos valores culturais sejam respeitados e considerados; ou criamos mais oportunidades de emprego, eliminando os desníveis sociais sem recorrer à ética protestantes da "civilização" judaico-cristã-ocidental; ou assumimos nossos valores afro-caboclos, recuperando nosso prazer de trabalhar, viver e cantar; ou assumimos esses mesmos valores integrando-nos de forma não-unilateral na construção de uma sociedade verdadeiramente brasileira; ou forçamos esta barra nós organizando nas entidades que defendem nossa cultura; ou recuperamos a dignidade do negro brasileiro; ou forçamos a igualdade de oportunidades para brancos, negros e caboclos na construção de um homem novo, de uma sociedade mais justa, esquecendo-nos dos velhos e ocidentais dogmas e jargões "esquerdistas", ou forçamos a reformulação de um sistema penitenciário discriminatório, falido e inoperante; ou continuaremos cada vez mais coitados.

Contra o (a) MÃO BRANCA ARMADA DO Sistema. Contra o genocídio do negro brasileiro. Por formas nossas e mais justas de convivência comunitária. Pela recuperação do nosso ethos social. É pelo que clamamos.

A.C.P.

**C**onstitui uma ilusão dos grupos oprimidos, pensar que, entrando num partido político, conseguirão sua libertação. A sociedade e os partidos (de direita ou de esquerda), estão assentados sobre a base do produtivismo puro e sob o comando do MACHO BRANCO. Um partido, por mais de esquerda ou mais direita maquiavélico que seja, jamais cederá seu comando a um "negro sujo e burro"; a um "viado

escroto"; a uma "mulher que está toda hora engravidando"; a um "índio selvagem e primitivo" ou a um "ecologista imbecil que quer deter o progresso". Como diz André Glucksmann, o caminho de libertação dos oprimidos, sejam operários ou não, não passa na porta dos partidos.

# TUP Y OR NOT TUPI?

## O Teatro Oficina e "O Rei da Vela"

Renato Carvalho (Grupo Guernica - São Paulo), entrevista Zé Celso Martinez e Noilton.

O Teatro Oficina representa para a historiografia teatral brasileira vinte anos de experiências. O seu personagem conhecido, José Celso Martinez Correa, dirigiu, na década de 60, uma peça de Oswald de Andrade: O Rei da Vela... A época da radicalização da pequena-burguesia termina em 70, com a repressão feroz... 74, Zé Celso é preso, torturado e exilado... Na época ele trabalhava em um filme: O Rei da Vela... Hoje, o Oficina, isolado pela esquerda oficial tupiniquim, é um dos alvos da repressão da ditadura — que ora se traça de social-democracia. A prisão do Coro do teatro em fins do ano passado; a invasão e o fechamento do teatro pela Polícia Federal por 2 meses... são momentos desta repressão. De uma repressão que continua, mais discreta agora, com a repressão econômica e o boicote da Embrafilme — que não concede a verba necessária para que Zé Celso e Noilton (que está trabalhando também nessa fase do filme) terminem o "Rei da Vela" (a esta altura com 9 anos de repressão nas costas).

Agora, essa repressão ao Oficina não é assim tão isolada... Ela representa uma repressão e toda e qualquer tentativa de se discutir o processo cultural brasileiro numa perspectiva popular — descolonizada... Se hoje o Oficina está com ordem de despejo, a luta pela manutenção daquele espaço como ponto de encontro, debate e de criação... é uma função social. E revolucionária!... Como dar apoio à greve dos metalúrgicos... É a mesma luta em frentes diferentes.

Nesse bate-papo realizado na noite de 6.05.80, Zé Celso e Noilton apresentam e discutem essa questão...

IR — O por que desse empapamento no Oficina?

Noilton — Sabe, eu não tou vendo mais esse empapamento. Eu tô vendo as coisas saindo. É tudo questão de tempo mesmo. Talvez eu veja muito otimisticamente, mas...

IR — Bem, eu espero que realmente as coisas estejam saindo. Mas as coisas estão, e a greve dos metalúrgicos é parte disso, se radicalizando. E se radicalizam dos dois lados... Assim a ditadura quer acabar com a greve de qualquer jeito. E os reformistas também tentam acabar com a greve: propõem o encontro com o Figueiredo... que não tem nada a oferecer! Foi a mesma coisa com o Oficina. Nós achamos que quando eles pagaram o pessoal do Coro em Sergipe e fecharam o teatro, e ele ficou 2 meses sem ver grana, isso o fodeu economicamente. Pode até estar saindo mas pode voltar a acontecer... que é inclusive o que está ocorrendo com o "Rei da Vela" que está sendo boicotado pela Embrafilme. Juntamente com muitos outros grupos, como o PCB — por exemplo que bolcou o oficina até quando passou "O Grilo", filme sobre Gregório Bezerra... Então esse isolamento por parte da direita e esses setores reformistas da esquerda...

Noilton — Tá legal esse papo por que você fala algo que nós lá dentro já percebemos, e que já superamos mas que às vezes esquecemos. E é legal quando a gente ouve isso, dá um estalo.

IR — E o que vocês estão achando disso agora?

Zé Celso — Bem o que nós estamos fazendo aqui e agora já é uma nova visão do Oficina. O Oficina dentro de um processo social. Não tem aqui nada que parta de uma coisa estrelista, de tudo que já foi o Oficina. E tem uma coisa muito nova, e que é positiva na medida que é positivo a gente acreditar na revolução brasileira. Quer dizer: uma nova maneira de ver e fazer as coisas... Pois essa situação toda que você descreve, assim mesmo como era uma situação em que a repressão era feita pelo poder, ao mesmo tempo era uma situação de verdade. E é a partir dessa situação verdadeira que os movimentos sociais começam a reagir, porque é uma coisa orgânica. É uma coisa muito real. E eu acho que é impossível para o grupo Oficina ter uma prosperidade média, mínima... A própria situação de miséria em que nos encontramos é uma coisa tremendamente política. E no sentido que é uma barreira, uma repressão política, ela politiza a gente. A economia é uma coisa que pega para a vida inteira. Então quando eu sinto o fechamento nessa área para o desenvolvimento de toda uma força de vida, eu começo a me politizar. E aí eu não vejo mais o Oficina como uma coisa só minha. No sentido privado, jurídico...

O Oficina morreu, enquanto um grupo pequeno-burguês, e não só porque ele quis morrer. Toda uma trajetória de uma pequena-



Zé Celso e Noilton do jeito que suas mães os pariram

burguesia assim... radical, que talvez naquele momento até quisesse mudar alguma coisa. Talvez até tivesse um potencial revolucionário. Mas ao mesmo tempo que ela jogava isso, ela estava se suicidando enquanto classe... Agora começa uma coisa muito mais política, do tipo que está acontecendo entre nós agora. Esse problema vai se resolver se houver muitas forças sociais como a nossa. Se da nossa ligação surgir uma coisa criativa muito positiva.

Noilton — Então é por isso que eu disse que a gente tinha superado a coisa. Analisando o problema da gente: o teatro, a gente já está pagando os alugueis, o filme, tá andando, não como a gente tá querendo, mas não tá parando como muita gente talvez queira. Então a gente fica vendo tudo isso e vê que a gente tá conseguindo as coisas. Bem ou mal, na maior luta... E a gente vê que a coisa que a gente via lá atrás, assim de uma maneira muito utópica... da gente saber que o filme vai dar certo, por que historicamente o livro deu, e a peça deu... e o filme vai dar certo também... Esse filme vai trazer à tona uma série de coisas.

Zé Celso — Porque ele tá trazendo à tona, para nós, uma série de coisas. E nós não somos diferentes das outras pessoas. E a gente teve um contato com ele que foi super criador. Que deu todo um discurso, toda uma poesia. E o único jeito de impedir de acontecer é com o extermínio físico... Quer-êles queiram quer-não é uma

coisa que existe. E existe muito mais do que eles. Eu acho que o Rei da Vela tem a força do teatro grego... E o "Rei da Vela" pertence à mitologia brasileira: Abelardo I, Abelardo II, Totô, Dona Cesarina... são personagens que fazem parte... como o Oswald, Tropicalismo, Nelson Rodrigues... é esse o trabalho que nós estamos fazendo. Nós! Pelo fato da gente estar dentro de uma cultura do gozo, do prazer. De fazer aquilo que quer, como quer, quando quer e como gosta... e prá isso a gente faz a guerra... a guerra do prazer a guerra do tédio... Isso é uma coisa da própria vida. Isso vai passar por cima, como uma onda do mar, as vetes todas de agora... É a queda da Santíssima Trindade: da princesa Isabel Figueiredo, do segurador de barras Golberi, o Delfim... Celso Amorim e Conde Portela: Toda essa era vai desaparecer. Agora, qualquer força de vida que exista nesse país, esse sistema vai querer acabar. E ele vai usar prá isso os partidos. Os quadros, os nossos amigos, os quadros. Os nossos amigos que vão passar para o outro lado da mesa.

Noilton — Nós fomos numa assembleia de acionistas da Embrafilme. A gente foi lá porque na véspera a gente recebeu um não do diretor geral da Embra.

Zé Celso — Por que lá tudo é resolvido monarquicamente. É um vértice total... uma pirâmide perfeita. Mas essa luta deu uma consciência que nós não teríamos se não tivéssemos nela. É bom

marcar bem essa organização que obriga uma pessoa, que podia ser um amigo nosso. De repente é a Rainha-Mãe. O topo da pirâmide, que se comunica através dos Pôncio Pilatos da pirâmide, que vão e levam a mensagem... Por que Vossa Excelência? Por que sim? Por que não? Ninguém fica sabendo... É incrível, porque tudo re-produz essa microditadura, esse micro-momento de abertura que a gente vive. Sempre tem alguém que estende a mão. Que propõe abertura, e diz: "nós vamos conseguir, eu estou totalmente com vocês. Mas espera, é lento, gradual"... Isso dói, por que é dito como slogan, mas sentido no dia a dia isso é uma tortura. Uma tortura sutil. "Deixe que eu vou... por que se por acaso você radicalizar. Se você quiser já. Se você tiver desejo, se você quiser fazer o que você gosta neste momento vem um golpe... vem um golpe de direita... e você não vai conseguir nada". E assim eles te mantem lá embaixo, na pirâmide. Na Pirâmide da Embrafilme nós estamos lá embaixo. Tem uma cúpula que recebe 20 a 30 milhões, tem os que recebem 15, 10... e tem os que, como nós não recebem nada. Que são a escória, e são mantidos com a corda no pescoço... porque são os que têm realmente o poder criador nesse momento. São os que têm o poder de quebrar padrão nesse momento.

E quebrar padrão é quebrar padrão...

Noilton — A gente está fazendo um estudo dos nomes lá da Embrafilme. A Amélia que era a mulher de verdade — secretária do Celso Amorim; o Poço — para os problemas insolúveis; quando a coisa tá melhor tem o Amâncio — pediu o livro autografado com lápis de cor; tem a Quita — que é quem faz as quitações; o Esteves — que era quem, nós acreditávamos que estava conosco verdadeiramente... A Assembleia, então, foi assim: na véspera aquele "não" que foi um impacto. Ai no dia seguinte nós ficamos totalmente desarticulados. E nós tínhamos decidido ir pro Rio e só voltar com uma coisa muito objetiva, que desse possibilidade do filme continuar. Nós não podíamos trazer aquele "não" de jeito nenhum. Então era quarta, véspera de feriado (1º de maio), fomos lá no MEC e fomos procurar o Márcio do Amaral, que é o segundo homem do ministério. E tava chegando um monte de cineastas e nós não sabíamos porque. Nós entramos, a assembleia já tinha começado. Eles estavam escolhendo quem era o homem do ano... e foi o Jece Valadão o escolhido. E ficou todo mundo falando em democracia. O Celso Amorim falando em democracia. O Jece Valadão falando em democracia... E tava toda a diretoria da Embrafilme, em peso. Do outro lado um pessoal muito velho mesmo que a gente não sabe de onde saiu. E no fundo o pessoal do cinema. Ai nós entramos e houve um gelo. Por que nós não somos acionistas. Ai, quando terminou a assembleia, o presidente falou: "Está encerrada a assembleia" a gente entrou. E o Celso Amorim já devia estar prevendo o que nós iam fazer. A gente estava a fim de interferir...

Zé Celso — A fim, não; não tinha outra saída! A única coisa

que a gente podia fazer era explodir.

Noilton — Fazendo a reconstrução de tudo que aconteceu ali: Estava lá o presidente — um velho — do lado, um advogado — o Dário — falando baixinho, que você quase não podia ouvir... Não tava assim muito claro o que a gente ia fazer, ou o que a gente ia falar. Mas nós sabíamos que se fôssemos na frente a coisa sairia. E naturalmente. Sai porque nós estamos com a força do trabalho... é uma coisa que está em nós dois e não em um só. E aí quem foi falar fui eu. E foi uma coisa mais forte ainda, porque dentro daquele espetáculo que tava montado ali, a pessoa mais jovem era eu... Então isso tudo contribui para mostrar que acreditamos demais nesse trabalho. E eu tentei ser o mais tranquilo possível, para passar cada vez mais essa confiança... E foi eu quem foi falar, não foi o Zé. Por que aquelas pessoas, já me conheciam e tinham uma confiança, não... um certo sei lá... Mais por eu ter sido presidente da ABD, por eu ter feito "Leucemia"... Se fosse o Zé, bateria de outra maneira.

Zé Celso — É, o Noilton é o cinema, e eu sou o teatro.

Noilton — O Luiz Carlos Barreto coloca desde o início isso: o Zé é um homem de teatro, e eu sou um homem de cinema.

Zé Celso — Agora os velhos nem ouviam. Aí o Noilton logo de cara falou pro presidente da mesa: "Quer prestar atenção que eu tô falando uma coisa importante"; porque na explosão nós vamos denunciar: "ASSASSINATO CULTURAL"... Tão cometendo um assassinato cultural. Em pleno cemitério cultural. Com os gangsters presentes, os velhos presentes e os burocratas.

Noilton — O que a gente disse lá para aqueles caras e que estamos tentando falar nesta entrevista... as pessoas que estão boicotando esse trabalho estão

participando de um assassinato cultural. E as pessoas que estavam participando daquela assembléia são acionistas de uma Empresa Brasileira de Filmes ligada ao Ministério da Cultura... Então elas deveriam ter um pouco mais de visão. E essa visão não devia estar tão escura para eles como está.

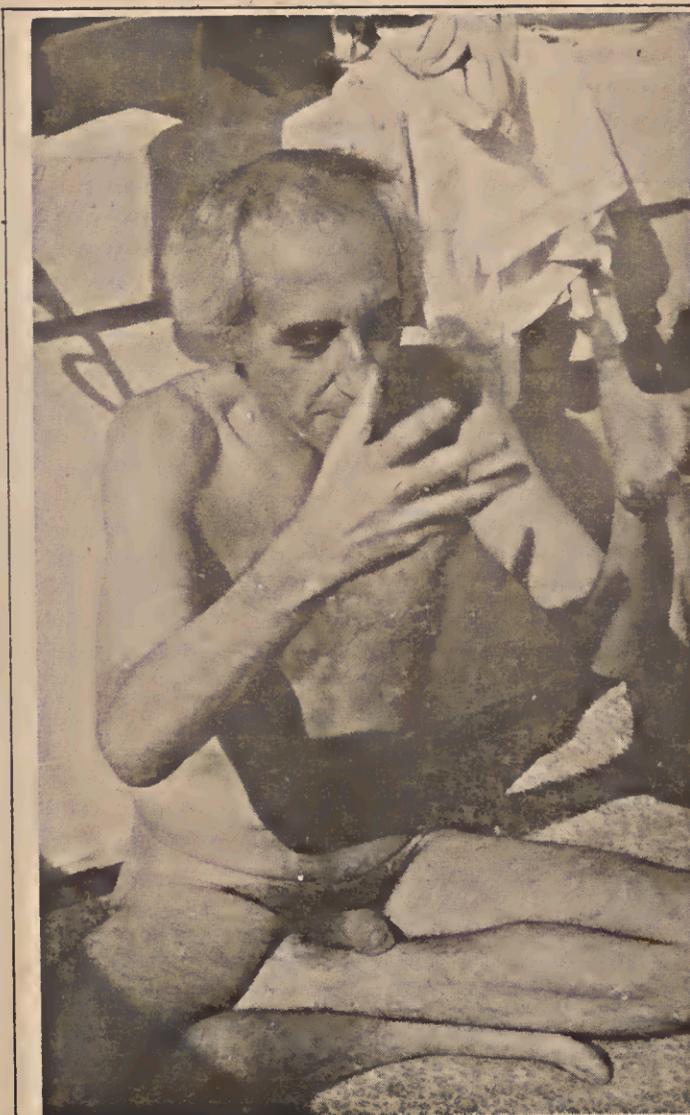
Zé Celso — e saiu a velharada, depois os burocratas, ficaram só os cineastas, a quem a gente chamou carinhosamente de gangsters. Eles estavam todos suaves. Ficaram de público nosso, torcendo para nós feito moleques... viram um pouco de vida. Porque o gangster tem na alma uma vitalidade que está sendo comida.

Noilton — Fala aí, na entrevista, que foi o momento mais bonito do Jece Valadão. (risadas) Mas teve a coisa do Luiz Carlos Barreto que falou que o "Rei da Vela" era uma peça que tinha sido filmada, que tinha que ir pro museu... Mas ele percebeu que a gente não estava a fim disso. Que nós estávamos a fim de um puta filme.

Zé Celso — Todos eles, pessoas profissionais de cinema, acabaram apoiando as nossas posições. Porque é uma coisa de feudalismo: o feudo do teatro é seu, e o feudo do cinema é meu — como diz o Glauber... Por que é um cinema patriarcal, machista, careta... e por isso mesmo anti-cultural.

Noilton — Outra coisa que foi falada nessa assembléia — que eu nem sei quem foi que falou... Que o "Rei da Vela", tanto quanto o último filme do Glauber que vem agora: "A Idade da Terra", são os dois filmes que têm condições de realimentar todo o cinema brasileiro. Tanto dentro do Brasil como fora. Que esses são os filmes necessários para que os outros filmes possam ser feitos.

Zé Celso — Mas está numa fase muito nova. E é preciso fazer uma luta muito forte pela vida... Como a dos índios... Hoje saiu a



Zé Celso e a liberação do nu frontal

notícia dos índios de Mato Grosso... aí eles conseguiram burlar a segurança do SNI e entraram na FUNAI. Eram 31 índios. Aí o

diretor da FUNAI disse: "eu só quero falar com o chefe". E eles responderam — "Não, somos todos chefes". Os índios então

foram vestidos, com armas. E exigiram que a polícia que cercou todo o prédio se desmobilizasse, senão ia ter pau mesmo. Então eles entraram na sala, ocuparam a sala em roda, e a cadeira do diretor. O diretor, portanto, perdeu o centro. E foram em cima numa discussão... Foi uma aula de democracia. Uma aula de relacionamento político... Uma vanguarda... Uma coisa de Tupiniquim, assim fortíssima. Isso porque eles estão numa luta muito concreta... Como é, eu acho, a luta do Oficina neste momento: a luta pela libertação da terra, pra terra estar com quem trabalha...

Noilton — Nós estamos fechando o filme com o Tupi... com o curandeiro Surubin.

Zé Celso — Nós, por exemplo, filmamos o 1º de maio, a classe operária...

Noilton — Mas quem encerra mesmo é o Tupi. O Surubin vestido de Tupi batendo no tambor e falando "Tupi"...

Zé Celso — O filme não é só com a classe operária. A classe operária é uma estaca fundamental, decisiva no filme. O movimento de resistência é cíclico, e vai evoluindo em espiral. Pelo menos tem sido assim até agora. Tem um determinado momento que tem a força de virar. E eu acho que a classe operária tem essa força de furar essa barreira toda de aliança de classe que está armada nesse momento.

FIM

Fim não senhor. Continua... Mas o negro escravo como Zumbi e o índio Tupi são decisivos na pirâmide. Em baixo está o índio. E por isso ele é a vanguarda da Revolução nas terras do chamado Brasil.

## A GREVE DE FOME DOS JORNALISTAS BAIANOS

# A estrutura sindical precisa mudar

Alexandre Ferraz  
& Eduardo Nunes

O espetáculo dantesco de fascismo e autoritarismo generalizado proporcionado pelo Sindicato dos Jornalistas do Estado da Bahia (a exemplo, aliás, do que sempre fez o sindicato dos metalúrgicos da Bahia e o Sindicato dos motoristas de táxi, além de outros) no caso dos jornalistas não-registrados (ver matéria na próxima página) só nos leva a uma conclusão: A ESTRUTURA SINDICAL BRASILEIRA ESTÁ PODRE E PRECISA MUDAR.

Por que? Ora, porque todo o problema só aconteceu — e sempre acontecerá enquanto as coisas não mudarem — em razão de a atual estrutura sindical permitir que um pequeno grupo tenha total autoridade sobre a categoria que diz representar. O grupo dirigente, A DIRETORIA.

Utilizando-se das prerrogativas de ser DIRETORIA, de MANDAR E TER QUE SER OBEDECIDO, o grupo que domina atualmente o Sindicato pôde fazer o que fez reunir-se a portas fechadas e, lá entre eles, decidir romper um acordo firmado horas antes com 60% da categoria.

Pois é isso aí. Enquanto se permitir que um pequeno grupo dirija os destinos da maioria, essas coisas fatalmente acontecerão. Quem tem o poder nas mãos não titubeia em usá-lo para favorecer a si

próprio. E quando este "si próprio" se resume a meia dúzia de pessoas, não pode dar noutra coisa que não em verdadeiros massacres da maioria, esmagada e utilizada apenas como massa votante.

Enquanto este poder não for despeçado, pulverizando para que cada pessoa, individualmente, cada trabalhador, tenha o poder de decidir por si próprio e não "em nome da maioria", nada mudará. Os sindicatos, ao contrário do que se pensa, serão sempre uma força reacionária a impedir um verdadeiro e revolucionário avanço da classe trabalhadora. Por outro lado, não temos sugestões reformistas a fazer. Os atuais sindicatos devem ficar aí, como estão, entregues às moscas e ao Ministério do Trabalho (que os quer assim e não tardará em parabenizar o Sindicato dos Jornalistas da Bahia por tentar remanejar o desemprego do Governo Federal na Bahia). Devemos partir, isso sim, para novas formas de organização. Partir com coragem. Com a coragem dos que avançam na história. Fazendo ouvidos de mercador para as queimações que sempre surgem nesta hora (vão dizer que estamos "fazendo jogo do patrão", que "queremos dividir a categoria" etc. etc. Mas, é fácil provar que eles dizem que nós fazemos isso e são eles os únicos que realmente FAZEM isso).

Bem, resumindo a proposta inicial — e evidentemente sujeita a quantas modificações forem necessárias de acordo com

uma VERDADEIRA opinião geral da categoria — é a da criação, digamos, de uma liga de trabalhadores. No caso, trabalhadores na imprensa. Esta liga teria os seguintes pontos a serem discutidos e que poderiam formar seu estatuto:

1. A Liga dos Trabalhadores da Imprensa congrega as seguintes categorias: Jornalistas, Gráficos, Estudantes de Jornalismo, Trabalhadores da Imprensa Alternativa, Trabalhadores de Rádios, Televisão, Cinema e Fotógrafos.

2. A Liga tem por função cotidiana organizar os trabalhadores e lutar, juntos e no mesmo nível, pela melhoria das condições econômica, social e cultural dos seus membros.

3. A Liga tem como princípio a organização federalista, que é a organização de baixo para cima, SEM CARGOS DE CHEFIA. É a UNIÃO LIVRE de todos os seus membros a partir da idéia e do INTERESSE COMUM.

4. A Liga se opõe às ideologias centralistas. O direito de dissenso é reconhecido no interior da liga, sem, todavia, reconhecer o direito à tendência organizada (observação: neste particular, evita-se que os eternos grupinhos pseudo-esquerdistas — tipo comunistas, marxistas em geral, TOMEM O PODER. Como também impede que grupos de direita — a outra direita — o façam).

5. A Liga dos Trabalhadores da Imprensa funciona independente do ESTADO, PATRÃO, PARTIDOS, ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS, SEITAS RELIGIOSAS E ORGANIZAÇÕES SINDICAIS RECONHECIDAS A NÍVEL NACIONAL PELO ESTADO.

6. O Congresso da Liga será realizado todos os anos.

7. A Assembléia Geral da Liga deve reunir-se uma vez por mês. Uma Assembléia extraordinária pode ser convocada por pedido de 1/3 dos seus aderentes. A Assembléia pode ser convocada por uma sessão da Liga.

8. O CONSELHO da Liga será formado por representantes de cada categoria. O CONSELHO tem como função a coordenação da ação das seções e a difusão das informações. O CONSELHO será revogável a qualquer momento, pode decidir da maioria da Assembléia (outra observação: NÃO HAVERÁ, NENHUMA LEI IMPOSTA PELO ESTADO DIZENDO QUE ESSE CONSELHO TERÁ UM "MANDATO" DE TANTOS ANOS E, ASSIM, TORNANDO-SE ABSOLUTO NO PODER) ou por 2/3 dos seus aderentes. A cada congresso anual da Liga será constituído um novo Conselho.

9. Propõe a criação em todos os Estados de Ligas Operárias de Resistência e confederadas entre si como forma de combater a estrutura sindical vigente no Brasil e controlada pelo Estado.

10. Reunir e publicar informações exatas (observação: VERDADEIRAS, NÃO TENDENCIOSAS PARA ESTA OU AQUELA CORRENTE POLÍTICA) sobre o movimento operário no Brasil e fora dele.

11. Qualquer modificação desses estatutos será feita em Assembléia Geral.

Acreditamos que este seria o primeiro passo para que os trabalhadores brasileiros (formados, não-formados, registrados, não-registrados, mas todos TRABALHADORES) pudessem iniciar uma VERDADEIRA UNIÃO que respeitasse a opinião de cada um, que respeitasse o indivíduo, livrando-se do tacho do Ministério do Trabalho, com suas leis draconianas.

"O Estado e a Lei não existem a não ser para eternizar a escravidão do povo em benefício da burguesia."

MIKAIL BAKUNIN

# Sindicalismo fascista ameaça trabalhadores

No último dia 26 de maio, ao meio-dia, quatro jornalistas baianos (a saber: Alexandre Ferraz, secretário de Redação da Tribuna da Bahia; Oto José Figueiras, repórter do Correio da Bahia; Dallton Mascarenhas, repórter político do Jornal da Bahia e Maria Angélica de Menezes, repórter de A Tarde) iniciaram uma greve de fome na sala de imprensa da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia. Era uma situação sui generis: os quatro representavam cerca de 60% dos profissionais de imprensa que atualmente trabalham nos jornais de Salvador e que estão sob a ameaça de demissão em razão de pressões exercidas pelo próprio sindicato da categoria, o ultra-fascista Sindicato dos Jornalistas do Estado da Bahia (Sinjorba).

Ocorre que esses jornalistas estão exercendo a profissão ainda sem o devido registro profissional na Delegacia Regional do Trabalho. Alguns estão nesta situação há nada menos que 12 anos; outros há, 6, 7, 4 anos. Todos são profissionais reconhecidamente competentes e que recebem salários, que relativamente ao mercado de trabalho baiano, não são dos piores. Muito pelo contrário.

Pois bem. De uma hora para outra, no mais autêntico estilo fascista, o Sinjorba resolveu, A REVELIA DE QUALQUER OPINIÃO QUE PODERIA TER ESTES 60% CIDADOS, que "a lei deve ser cumprida" (referindo-se à Lei — dos generais Médici e Geisel, diga-se de passagem...) e, assim, todos deveriam ir para o olho da rua, sem maiores delongas.

Tentou-se o diálogo. A Comissão Representativa dos Jornalistas não-Registrados esgotou todas as possibilidades de conversar com a diretoria do Sindicato. Nada. Eles estavam irredutíveis. E passavam nas redações, brandido o tacão do Ministério do Trabalho, no melhor estilo Murilo Macedo, ameaçando a todos. O tom nitidamente autoritário de um dos membros da diretoria do Sinjorba, a jornalista Linalva Maria, ecoava pelas redações como os famosos discursos de Hitler, que faziam tremer a Europa há 40 anos.

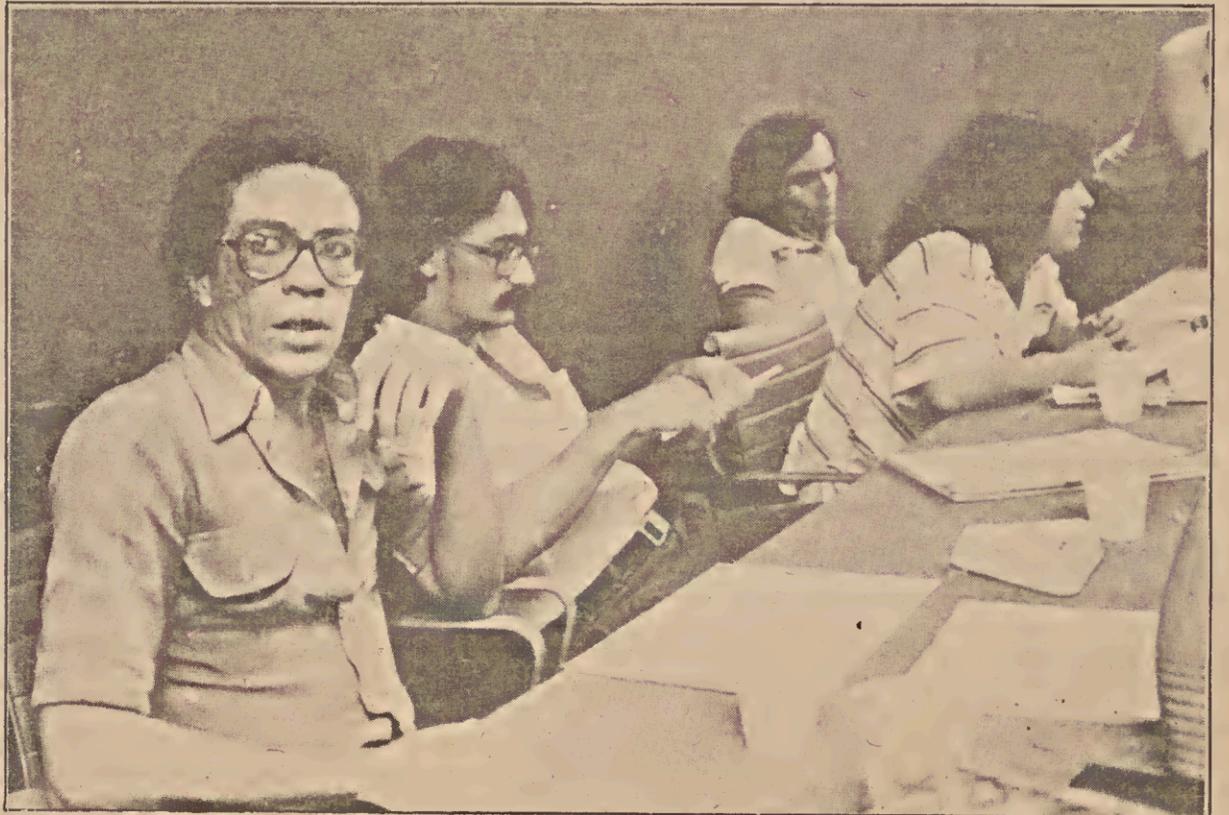
Resumindo a situação: não houve diálogo. A resposta da diretoria do Sinjorba era sempre a mesma: "Conversar, nós conversamos. Mas adiantamos que nossa posição é irredutível" (de fazer inveja a qualquer Médici ou Figueiredo da vida, não?). E, não havendo diálogo, partiu-se para o recurso extremo: a greve de fome. E foi a partir daí, senhores, que o fascismo, o direitismo disfarçado desses esquerdoídes que dominam com mão de ferro o Sinjorba, veio à tona, de forma gritante e, felizmente, desmoralizante. Basta narrarmos os fatos, sem maiores comentários.

Decretada a greve de fome, a presidência da Assembléia Legislativa, por sua vez, decretou que nós, os grevistas, não poderíamos permanecer ali. Alegamos: "Mas esta aqui não é a casa do povo?" Nada, estavam irredutíveis. E nós saímos daqui carregados pela Polícia. Estamos lutando pelo direito ao trabalho. Não estamos brincando ao jogarmos nossas vidas nesta atitude. Só saímos com a Polícia nos levando". A presidência da AL, então, teve que voltar atrás, permitindo nossa permanência.

Então, por volta das 20h deste dia, chega a diretoria do Sinjorba em peso e, depois de conchavar clinicamente durante quase uma hora com os deputados na sala da presidência da Assembléia, veio até onde nós estávamos e, pasmem, pediram que terminássemos a greve! Depois de lerem uma nota cretina reafirmando suas posições ultra-reacionárias, legalistas, pediram que nós acabássemos a greve! (Como observou muito bem o jornalista João Nelva, em artigo publicado na Tribuna da Bahia, é difícil de acreditar, mas existem jornalistas reacionários).

Não houve a menor condição de diálogo — como seria de se esperar — com a direção do Sindicato. O vice-presidente da entidade (que, aliás, estava ocupando a presidência em razão de o presidente, Anísio Félix, encontrar-se fazendo turismo por aí com o dinheiro da contribuição sindical paga, em 60%, por nós, jornalistas não-registrados). Césio Oliveira, perdeu as estribelhas, chamou-nos de mentirosos, que estávamos fazendo jogo do patrão etc. Tentou queimar a greve, repetimos, NO MAIS AUTÊNTICO ESTILO dos governantes brasileiros.

Pois bem. Este bando de ditadores que ora domina o Sindicato dos Jornalistas do Estado da Bahia fez o que pôde para nos queimar, para esvaziar a greve, para IMPEDIR — pasmem, de novo — QUALQUER SOLUÇÃO QUE NOS FOSSE FAVORÁVEL. Disseram alto e bom som que nós não podíamos nos considerar jornalistas — ora bolas, nós que, sem falsa modéstia, somos dos melhores profissionais da Bahia — que não tinham qualquer responsabilidade sobre a nossa greve etc.



Os grevistas de fome: em primeiro plano o jornalista Alexandre Ferraz (da Tribuna da Bahia e de O Inimigo do Rei)

Nas Escolas de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, o sr. Emiliano José "fazia a cabeça" do outro grupelho de ditadores que domina o diretório da EBC: Ali, naquela escola — onde, aliás, estudam Alexandre e Angélica — os espetáculos que se desenrolaram foram grotescos. Por exemplo: o jornalista (SIC) José Wellington Aragão — que sempre fez questão de posar como alguém "de esquerda" — chegou ao displante de dizer que "os grevistas que morram de fome. Melhor, serão quatro a menos no mercado". O que o sr. Aragão parece desconhecer é que eram seus colegas que estavam passando fome em sinal de protesto pela iminência de perderem o emprego. Pessoas que não sabem fazer outra coisa na vida que não o jornalismo (e, repetimos, fazem-no bem, em troca de salários bastante razoáveis para nosso mercado). Pessoas que têm família, muitos têm filhos etc. Eram essas as pessoas que o sr. Aragão, numa tirada hitlerista, disse que deveriam morrer de fome.

Enquanto isso, a greve continuava na Assembléia. Os políticos, como urubus em cima da carniça, esvoaçavam em torno dos grevistas fazendo poses para aparecerem nos jornais, nas Tvs etc., cada um querendo tirar seu proveitinho pessoal da colsa.

Ainda na noite de 26 para 27 de maio, por volta das 2h da manhã, uma comitiva da diretoria do Sindicato procurou o colega Paulo Roberto Tavares, membro da comissão Representativa dos Jornalistas não-Registrados (mas que não estava em greve de fome, pois cuidava dos nossos contatos com o Sinjorba, entidades em geral etc.). Pasmem, leitores, pela terceira vez: o Sinjorba teve o displante de propor que, para que houvesse possibilidade de diálogo, entre outras coisas nós proibíssemos que outros grupos se manifestassem a nosso favor.

Nem Médici, ou Geisel, ou Castelo Branco, nos seus "melhores" dias de ditadores, tiveram a CORAGEM de fazer uma proposta desta a alguém. Nem mesmo esses ferrenhos generais que nos dominaram e ainda nos dominam) com mão de aço tiveram a coragem, o CINISMO, de pedir que alguém em greve de fome ACABASSE A GREVE, sem oferecer sequer a possibilidade de negociação em troca. Mas o Sinjorba teve a coragem de fazer tudo isso.

E sabem o por quê deste pedido cínico para que proibíssemos manifestações a nosso favor? Porque foi formada uma comissão de apoio aos grevistas composta pela imprensa libertária brasileira (O INIMIGO DO REI, AUTOGESTÃO, BARBÉRIE).

E este grupo era o único que tinha a coragem de colocar os podres desta gente para fora. O único que teve a coragem — e que tinha liberdade para tal — de bombardear a atual estrutura sindical, mostrando que ali é que

estava o X da questão, o cerne do problema. Por isso, leitores, os patrões do Sinjorba queriam que esse grupo fosse proibido de se manifestar. Tinha graça!!

O pior de tudo foi constatarmos que a cretinice, o reacionarismo não se resumia à diretoria do Sindicato. Nada disso. Muitos colegas nossos — para nós, a esta altura, ex-colegas — fizeram a mais autêntica, a tão por eles mesmos condenada, imprensa marrom para favorecer ao Sinjorba. Basta dizer que o jornalista José Antonio Moreno (que se dizia, se achava, se posava como nosso "amigo" particular e "companheiro" de todos) — que ocupava interinamente a chefia de Reportagem da TRIBUNA DA BAHIA, fez o que pôde para distocer as informações. Fez pautas dirigidas (mandando ouvir, sobre a questão, apenas jornalista REGISTRADOS, DESEMPREGADOS E QUE ESTIVESSEM CONTRA NÓS) e censurou declarações — um dois registrados, Luis Fernando Carvalho, atualmente desempregado, jornalista formado, sindicalizado etc. afirmou que "se for para eu conseguir emprego através das demissões dos meus colegas, prefiro ficar desempregado." Pois bem, sua declaração sumiu "misteriosamente." Como "misteriosamente" sumiram matérias inteiras na época da intensa censura à imprensa promovida pelo ditador Emílio Garrastazu Médici e seu comparsa Armando Falcão, nos idos de 1970/1974.

Para completar, a jornalista Jana de Paula, numa atitude da mais mesquinhas, ligou para este mesmo jornal (onde ela trabalhava) para dar informações truncadas, quase à meia-noite, dizendo tratar-se de "um furo." As informações, evidentemente, favoreceram ao bando que domina o Sindicato.

Finalmente, no dia 28 de maio, tercelro da greve de fome, chega de Belo Horizonte o não menos legalista dirigente sindical Washington Melo, do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais. Legalista, porém um pouquinho menos reacionário e notoriamente mais inteligente que a diretoria do Sinjorba. Baseando-se em problema semelhante ocorrido em Minas, ele elaborou um acordo que, ainda não inteiramente satisfatório, resolvia parcialmente o problema permitindo que os jornalistas que exerciam a profissão desde antes de fevereiro de 1978 pudessem conseguir seus registros na DRT, como jornalistas provisionados. O acordo foi assinado pelos quatro jornalistas em greve de fome, pelo Delegado Regional do Trabalho, pelo próprio Washington Melo e pela diretoria do Sinjorba.

Acabou a greve de fome. Houve até trocas de beijos e abraços. O presidente do Sinjorba, Anísio Félix, por exemplo, "emocionado," chegou mesmo a beijar nosso colega Dallton. Beijo de Judas, como veremos logo a seguir.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

# Polícia fascista à solta em S. Paulo

Com o pretexto de "moralizar" São Paulo, um delegado de nome José Wilson Richetti (que deve ter por trás o famigeradíssimo governador Paulo Salim Maluf, pois polícia não age sem ser pau-mandado) passou a fazer batidas no centro da capital paulista.

Negros, menores, prostitutas e travestis são alvos das batidas dos comandados de Richetti. Presos, mesmo tendo carteira profissional assinada, carteira de identidade e outros documentos, os paulistas estão experimentando a investida de uma certa parcela da burguesia que insiste em demonstrar suas táticas fascistas, mesmo em tempos de "abertura", num claro desafio inclusive aos direitos do indivíduo, consagrados na Constituição, que em São Paulo, pelo visto, não passa de um papel para ser usado no banheiro.

Mas este Richetti não pense que ficará impune, porque seu padrinho, ou quem quer que esteja por trás dele, também precisa de voto e estes votos eles não conseguirão para colocar seus crápulas no poder estadual em 1982.

Só na união de negros, menores marginalizados e homossexuais, além das mulheres, pode derrotar a violência destes novos bárbaros.



Richetti: apenas pau-mandado. Quem estará estumando?

## CARTA ABERTA À POPULAÇÃO

Nos dias 23 e 24 deste mês, São Paulo e mais precisamente o Largo do Arouche foi vítima de mais uma onda de violência policial. Várias viaturas, com policiais portando armas de grosso calibre, invadiram aquele local e prenderam indiscriminadamente mais de 500 pessoas, no que eles chamam de Operação Arrastão.

Ao contrário das "batidas policiais" nada argumentaram, simplesmente carregavam as pessoas e as colocavam nos camburões. Depois dos carros devidamente lotados, segulam para o distrito onde se processava a triagem. Uma das pessoas presas que tentou protestar contra os métodos da prisão, foi levada para uma sala separada e espancada. Um outro preso sofreu dois ataques epiléticos sem ser socorrido.

Mais uma vez a repressão policial agiu impunemente nas ruas, atemorizando as pessoas, numa verdadeira onda de violência.

Interessante notar, porém, que essa repressão não se localizou somente sobre os homossexuais, mas que foi generalizada, atingindo também as prostitutas, negros e as pessoas de uma maneira geral.

Todos nós, temos direitos constitucionais e esses direitos foram violados e esquecidos pela polícia que no "cumprimento do dever" levou para a delegacia portadores de carteiras profissionais assinadas e carteiras de identidade.

Nós os participantes dos Grupos Homossexuais Organizados, repudiamos esses atos e denunciamos a onda de repressão que se abateu sobre os cidadãos.

São Paulo, 25 de Maio de 1980

Grupos: SOMOS; LIBERTOS; EROS; AÇÃO LÉSBICO-FEMINISTA, AÇÃO HOMOSSEXUALISTA.

**A Polícia não protege a sociedade. A Polícia protege as classes dominantes e esmaga as classes pobres.**

## Alimentar a terra antes que ela morra

continuação do nº 10. Última parte

Antônio Fernandes Mendes

No último número deste jornal, iniciamos artigo acerca da destruição que o próprio homem vem provocando nos processos normais da natureza, em termos de agricultura, pelo seu afã de produzir cada vez mais, sem olhar como. Falávamos da destruição das bactérias e insetos que fazem parte do sistema ecológico.

O homem tem que levar em consideração esses processos biológicos e protegê-los, o que não pode acontecer num perverso processo de monocultura, com máquinas pesadas, de lâminas longas, que revolvem a terra a profundidades superiores a 20 centímetros, sepultando essas preciosas vidas e liquidando as variedades de ervas e plantas milenares que equilibram a crosta terrestre. Não quero ser utópico em não aceitar lavouras artificiais, mas o homem tem que preservar urgentemente as cadeias alimentares de múltiplas complexidades, pois elas são os receptáculos da energia solar e formam as biocenoses bem articuladas.

Agora, as pessoas mal informadas aceitam essas diabólicas investidas dos monopolizadores de mercados como se fosse uma coisa natural. Um exemplo é o caso criminoso do uso do açúcar branco como fonte de alimento "indispensável", sendo que ele nada mais é que um veneno terrível, principalmente quando atinge populações pobres e mal alimentadas, com reservas hereditárias precárias. O açúcar branco é um agente queimador de reservas alimentares, pois é um carboidrato. O organismo humano necessita apenas de glicose, que pode ser encontrada em todos os alimentos, principalmente de origem doce.

Se isso que afirmo não tem validade para estes senhores, lhes pergunto: qual dos animais que vivem em estado natural necessita do açúcar? Sei que não vou obter resposta. Pois bem. Mas o capital precisa de seres doces para desenvolver seu apetite voraz e anti-humano.

Assim, surgem as monoculturas como a da cana-de-açúcar, que ocupa grandes áreas de terras, num processo avassalador, destruindo as reservas naturais, levando a terra a um processo de pobreza e erosão sem nenhum proveito para o ser humano. O café também é outro problema, pois, embora seja uma planta de uso medicinal em alguns casos, não serve como fonte de alimento. Entretanto, incute-se na mente do povo que é uma "fonte de energia indispensável", sendo, assim, criada a dependência, com efeitos drásticos pelo uso de um poderoso excitante, que deveria ser usado, somente, repito, em casos específicos da Medicina.

Este problema da degradação alimentar pode observar em algumas fazendas de café, no norte do Paraná, onde se constata a miséria física e mental daquelas famílias que são obrigadas a viver confinadas dentro daqueles guetos, sujeitas a toda sorte de doenças. E lá ficam à mercê de uma ração alimentar péssima, onde não há escolha na qualidade dos alimentos e também nos preços, pois naquelas fazendas só existe um fornecedor, absoluto: o proprietário, que mantém sob a guarda dos feitores — e às vezes até de pistoleiros — aqueles pobres rebanhos de almas humanas. Eles ainda se utilizam de um expediente terrível: venda de aguardente, provocando uma decadência física e mental naqueles homens, mulheres e crianças.

### CEREAIS

Outro problema grave é a descortização e o polimento dos cereais, retirando-lhes os seus componentes nutritivos — como a fibra e a celulose — pondo no mercado alimentos empobrecidos, como é o caso do arroz, do trigo e do milho. Isso ocorre impunemente, quando nós sabemos que, para um bom funcionamento do organismo humano, são necessárias 250 gramas de fibras e celulose.

Quero lembrar ao leitor que a terra pode ser enriquecida sem se recorrer aos processos químicos de efeitos danosos para o solo, a flora, a fauna e o próprio homem. Basta, para isso, que se utilize a ciência biodinâmica, que é o aproveitamento de todos os resíduos existentes no solo e dos ciclos biológicos da natureza. Para isso é necessário o aproveitamento dos compostos naturais, como plantas mortas, folhas secas, restos de animais e seus excrementos, arrumando-os em montículos protegidos de raios solares diretos, assim como de enxurrada.

Deve-se evitar o fogo. Sendo assim, as bactérias e os pequeninos animais inferiores desenvolverão um trabalho de biodinamização e interação que alimenta a vida vegetativa e animal, incluindo, principalmente, a espécie humana, com espantoso resultado econômico. É lógico que tudo isso requer paciência, perseverança e, acima de tudo, lucidez humana.

Ao lado dessas lavouras devem ser mantidas áreas de reservas naturais, mantendo os animais no seu habitat, pois eles são parte integrante do equilíbrio ecológico. Não vejo vantagem econômica na criação exagerada de animais domésticos como fonte de alimento. Os efeitos colaterais desta atitude são muito danosos à terra e ao próprio homem. O homem, com esses criatórios com fins especulativos, aniquila o solo, aproximando-se da extinção de si mesmo ou de um viver penoso, cheio de apreensões e vexames.

Sei que teremos um fim, pois tudo muda na natureza. E longe estou de propor aqui a volta à idade da pedra ou coisa que o valha. Mas o homem de hoje tem que se conscientizar e entender que o seu futuro não estará seguro com a transformação radical do solo e aniquilamento dos animais e dos vegetais, que constituem os elementos bióticos dos habitats naturais, e, portanto, que asseguram a permanência do homem por mais alguns milhares de anos... se é que ele deseja isso. Pelo que se observa, a humanidade marcha aceleradamente para o nada.

### "Não quero ser utópico em não aceitar lavouras artificiais..."

Para os homens de sã consciência, entretanto, só resta um caminho: a gestão racional da terra, mantendo os solos férteis por uma ação coerente com as leis naturais. Pois esses solos levaram centenas, milhares de anos para se tornarem férteis. E aqui val um desafio aos economistas: apontem-se uma fonte de lucro mais estável e segura que um solo fértil. Então, por que ignorar as nossas advertências?

Aqui mesmo, neste vasto país, já começa uma espantosa degradação do solo, como se pode observar entre o Rio e São Paulo, onde outrora existia um solo fértil, hoje reduzido a pequenas pastagens, como elevados custos de manutenção para um baixo rendimento pecuário. Ali se deu uma erosão muito acentuada do solo, onde a

aniquilação da flora e da fauna é visível a qualquer ótica, se é que ainda existe alguma. A mesma coisa vem acontecendo no mais fértil dos solos brasileiros, às margens do rio Paraná, abrangendo vastas áreas de terra daquelas partes do sul do Brasil.

Por esta razão, os agricultores daquelas regiões se vêem hoje diante de pragas desconhecidas, cada vez mais numerosas. Assim, são obrigados a jogar toneladas de venenos altamente perigosos em suas lavouras, acarretando um evenenamento paulatino de si próprio e de todos os consumidores das grandes cidades. Isso sem falar no aumento dos preços dos alimentos em função dos preços dos venenos utilizados.

Agora, para espanto nosso, vem-se utilizando os solos marginais dos cerrados para plantio do café, acabando com toda a vegetação alimentar da crosta terrestre e com uma violenta erosão no solo desses cerrados, como se pode constatar nas montanhas de Minas Gerais, que já sofreram três ciclos de erosão: o primeiro, do ouro; o segundo, da criação de gado e eqüinos, que recebeu severas críticas do famoso cientista alemão Dr. von Martius, quando aqui esteve em viagem de estudos científicos, a pedido do seu governo imperial, portanto há 170 anos. Agora chegou o terceiro ciclo, ainda mais devastador e desumano, que é o do trator pesado destruindo os cumes das belas montanhas de Minas Gerais e do Espírito Santo. Já existem alguns locais que só servirão mesmo para campo de pouso para naves espaciais de outras galáxias... as crateras são enormes.

O mesmo fenômeno vem acontecendo na zona da mata do Nordeste, totalmente devastada para o plantio da cana-de-açúcar. E é ali onde existe o mais alto índice de carência alimentar do país, com acentuada degeneração física e mental de seus habitantes. Não é preciso ser pesquisador para constatar uma velhice precoce, quando se vêem crianças de apenas 12 anos usando dentadura postiça. Quando ao seu QI e capacidade geral são um zero à esquerda de um número qualquer.

### "...buscando uma nova alternativa de vida, através do apoio mútuo..."

Quero ainda aproveitar o espaço para parabenizar aos trabalhadores rurais da zona da mata de Pernambuco pela corajosa conquista de dois hectares de terras, conseguidos com a última greve de 20 mil trabalhadores do corte e do plantio de cana naquela zona. A reivindicação básica era o acesso à terra para manter uma lavoura de subsistência, livrando-se de uma calamidade pública. Ao lado de uma monocultura arrasadora do solo e do homem, a área é pequeníssima mas, bem cuidada organicamente, irá proporcionar melhores condições alimentares àquelas famílias, que em boa hora souberam quebrar os grilhões que as prendiam, com perversa maldade humana. Que belo exemplo! Resta continuar o trabalho de base e conscientizar os trabalhadores que deem uma gestão racional àqueles pequenos pedaços de terra e também para que se fixem definitivamente nos mesmos, buscando uma nova alternativa de vida, através do apoio mútuo, dos hábitos comunitários, do coletivismo e da cooperação.

MATÉRIA ALIM. A TERRA ANTES QUE  
ELA MORRA CONT. PÁG. 17

ECOLOGIA





# FREUD E A GUERRA

RAFAEL FERNANDEZ  
Rio Grande do Sul

## INTRODUÇÃO

Procuramos fazer neste trabalho a síntese do pensamento de Freud em relação à psicanálise da guerra, extraída de seu curiosíssimo trabalho "ZEITGMAESSES UEBER KRIEG UND TOD" que se estende através das publicações feitas pela "internationaler psycho-ANALITISCHER VERLAG" e de uma conferência realizada em Budapeste em 1918, também publicada por aquela sociedade. Sob quatro aspectos psicanalíticos estuda o meste o problema: sob o ponto de vista fundamental da "desilusão da guerra"; da "guerra e morte"; das "neuroses da guerra" e da "civilização e cultura", cujos pensamentos emitidos nos levam, mais do que nunca, a refletir.

Quando, em 1914, o já eminente e velho professor de Viena viu estourar a guerra com todos os seus horrores, não pôde, por certo, crer que, em plena civilização, em pleno progresso das ciências, inclusive o da psicologia, que vinha a revolucionar o século, pudessem os homens se entenderem tão mal, colocando-se uns contra os outros como se estivessem vivendo os tempos da era assassina. Só no inconsciente encontraria Freud, o criador da psicanálise, uma explicação para isso. É que nenhuma civilização conseguiu apagar a besta que continua a viver dentro do homem, seja ele o elegante e barbeado cidadão do século XX, ou o peludo "Pitecantropus erectus" de quem descendemos, segundo Darwin. Se comparássemos a terra, que se foi formando de camadas superpostas, com o espírito humano, poderíamos dizer que a cultura é a superfície da crosta da personalidade. Através das agressões ao meio o homem foi recalçando, através de milênios, os seus instintos animais, não se sabendo de onde nem como se originou essa primitiva animalidade.

Sabe-se, por um estranho determinismo, que a imagem mais próxima desse animal ignorado, que foi o homem, estampa-se em cada criança que nasce, sendo ela o símbolo do homem primeiro. É justamente aí que encontramos o organismo dos instintos na plenitude de suas expansões, dando lugar a que o próprio Freud acreditasse que o homem deriva de uma espécie animal desconhecida, cuja maturidade alcança-se apenas aos cinco anos de idade, dada a circunstância de ser esta a época em que o psiquismo da criança atinge seu grau de agudeza, livre ainda da coação de seu segundo eu, que se forma às expensas das restrições morais e das influências educacionais.

Desenvolvida a criança em adulto, lá ficou reprimida, à frente dos seus instintos naturais, pelas camadas superpostas da cultura — no sentido freudiano — cultura no sentido de dominar a natureza e de onde resulta o homem educado, o homem civilizado. Seria vantajosa esta cultura? Certamente que não. Ela não veio no sentido de orientar os instintos. Ela não veio ensinar o homem a compreender a razão de seus desejos, nem como satisfazê-los. Os instintos animais do homem ficaram, apesar de tudo, acorrentados, proibidos de se manifestarem, não sofreram nenhuma sublimação definitiva. Ficaram como que amordaçados, empurrados para o fundo do espírito, para o subsolo da alma, os subterrâneos da personalidade. Os instintos não foram assim libertados e nem satisfeitos. Pesa sobre eles uma incompreensão tremenda por terem sido esmagados por um outro eu, totalmente estranho ao primeiro. Daí o outro eu não poder entender o primeiro, apesar dos tremendos esforços que faz para isso. Amordaçado como fera enjaulada, o nosso eu social ouve-lhe os gritos, as expansões de liberdade que lhe vêm das entranhas. O homem civilizado, como um subproduto da espécie desaparecida, de que fala Freud, traz como um quisto dentro de si mesmo o animal de onde se originou. Não pode extirpá-lo. Assim, deveria ter vivido apenas os seus cinco anos, feliz como os animais que vivem da sabedoria de seus instintos e que, por motivos de ordem puramente biológica, destroem-se a si mesmos.

## EXPLOÇÃO

Entretanto, misteriosamente, o homem colocou-se acima dos demais irmãos em escala zoológica, encontrando um meio de afastar das suas cogitações o seu maior inimigo — o primeiro eu — e respeitar a coação externa, pois só assim poderia viver em paz. Então, inventaram a cultura. Já não bastava dominar apenas a natureza, mas também de se estabelecer uma relação entre os indivíduos, assentada sobre a coação externa, forças morais, proibições, tabus e legislações. Nesse entendimento, aparente, os homens assinaram seus códigos de bem viver, esperando iludir o troglodita acorrentado ao seu espírito. Ilusão vã de todos os homens!

As camadas superpostas da cultura que soterraram a besta das cavernas não serviram senão para exaltar-lhe a fúria. Essas camadas submetidas a convulsões, como acontece com a terra em relação a seu núcleo, fendem-se, fraturam-se, então a explosão se dá. Essa explosão é no homem o resultado de uma tensão que chegou ao máximo. É o primeiro eu que já não suporta a atitude do eu opressor e que precisa explodir para recomeçar o mesmo processo a que foi submetido anteriormente. Na alma individual essa explosão se manifesta sob a forma de um impulso que derruba uma proibição, um tabu, e o homem, por exemplo, pode cometer um homicídio. Na alma coletiva, a explosão promove uma explosão maior e por vezes total, a guerra.

É curiosa a maneira pela qual Freud aborda o desejo que a humanidade abriga, silenciosa e inconspicua, de matar, manifestado sob a forma simbólica em certos ditos que proferimos quando somos tomados de alguma indignação. Exemplificando cito a frase: "Vá para o diabo que te carregue", que encobre o desejo manifesto de querer enviar o parceiro para o outro mundo, pois o conteúdo psicológico e inconsciente da referida frase é: "Que a morte te leve". Esse desejo de matar é como que um sintoma de uma era pré-histórica e assassina, da qual descendemos, e que depois foi recalçado através da cultura, por um sentimento contrário, de onde se origina o mandamento divino "Não matarás".



Crianças do Vietnã correm apavoradas depois que os Estados Unidos mandaram seus aviões bombardearem com "Napalm" sua aldeia (foto 1). Tanques da União Soviética perfilam-se poucos minutos antes de entrarem em Cabul, consolidando a invasão do Afeganistão (foto 2).

É bem interessante a maneira pela qual se enraizou na alma humana o mecanismo dessa coação, dessa advertência, pois ela é mais uma proibição e não se proíbe aquilo que o homem não seria capaz de violar. Daí se conclui que é preciso dizer não matar, não cometer o homicídio. No inconsciente, entretanto, se formam várias substituições do desejo homicida. A ideia em questão é encoberta por outra menos agressiva à personalidade podendo ter ingresso na consciência e ser liberada sob o véu da linguagem simbólica. Ainda hoje o homem mata simbolicamente como o seu semelhante pré-histórico matava antigamente.

Os sonhos realizam ainda com mais clareza a satisfação do desejo. Vendo-se aquele de quem não gostamos, ou a quem odiamos, desaparecer por meios alheios ou por nossas próprias mãos, satisfazemos nosso desejo de matar. No entanto, quem desconhece a psicanálise pode objetar que também matamos ou vemos matar as pessoas a quem amamos e que isto não seria

uma realização do desejo. Mas esta advertência é apenas lógica na aparência, pois há na doutrina psicanalítica aquilo a que chamamos sentimentos ambivalentes e que, em linguagem vulgar, quer dizer sentimentos opostos que se fundem no íntimo de cada um de nós em relação a uma determinada pessoa.

## ANTÍTESE

Quando amamos também odiamos, porque a antítese do amor é o ódio, que se fundem, em última análise, num único sentimento. O ponto morte desse dualismo amor-ódio é a indiferença. Dessa dualidade é que surge um lastro de sentimento de culpa quando perdemos alguém que nos foi caro na vida, então nos cobrimos de luto para redimir o *mea culpa*. Foi talvez dessa estranha diferença em sentir ou não sentir a morte de outro que fez nascer no homem primitivo o primeiro conflito de natureza humana — Matar ou não matar. Se ele matava um estranho com o mesmo sangue frio com que abatia uma caça para saciar o seu apetite, não podia olhar a morte de um companheiro com esse mesmo sangue frio.

Começou a perceber que não deveria matar, originando-se assim, através de reflexões milenares, o "Não Matarás". A psicanálise chegou a concluir que o homem não crê na sua própria morte. Ele admite a morte do outro, mas não admite a sua. É essa confiança na própria vida que explica o heroísmo. Quando um pára-quedista se despenca dos ares para atacar o inimigo, nunca prevê a sua morte. Mesmo quando diz "eu sei que não volto" e que deixa até cartas que valem como presságio certo de sua morte, nunca acredita nela. Alguma coisa lhe segreda ao ouvido: Mata. Nada te pode acontecer. A fórmula do mandamento "Não matarás" é aqui substituída por outra "Matarás". Por quê? Porque agora é lícito matar. A guerra, explosão moral dos instintos da alma coletiva, legaliza o homicídio. Todos devem matar. Liberta-se, desta forma, o assassino que está adormecido no inconsciente do homem. Matar, matar, matar. Eis o lema! É preciso desafogar a alma da coação tremenda. Ninguém sente remorsos porque o crime não é de um, mas de todos. Já não é mais a morte no singular. É a morte no plural — diz Freud. Ninguém transgrediu uma proibição. Ninguém quebrou um tabu. "Não há razão para se ter remorsos". O remorso talvez possa acontecer quando dois inimigos se encontram e têm tempo de voltar ao que eram, isto é, quando deixam de ser feras para serem humanos, sentindo toda a indignidade do seu gesto. Não podem compreender que o "outro" seja um inimigo. São apenas dois homens que se encontram, que

havia sido ele o assassino do seu marido. Estranha contradição da alma humana! Na guerra é preciso matar, mas não se deve saber a quem se mata! Se uma bala desse mesmo assassino tivesse atingido o outro, a quem nos referimos, mas de uma maneira abstrata, isto é, sem que a morte se desse com aquela identificação de sentimentos entre o que matou e o que havia de morrer, nada de mais grave teria acontecido. Entretanto, analiticamente, o fato é o mesmo, embora o mecanismo do acontecimento seja outro, tal e qual Eça de Queiroz pôs em relevo no seu livro "O Mandarim", a que Freud, aliás, faz referência em seu livro. O que desperta o horror ao homicídio é a impulsão direta do assassinio. Matar à distância seria quase o mesmo que matar simbolicamente. Todos os dias o homem mata os seus semelhantes, como ficou claro quando nos referimos às frases alusivas a um conteúdo psicológico oculto. Freud acha por tudo isso que a guerra é inevitável como as chuvas, o trovão ou os grandes temporais. Ela é a consequência de uma imensa tensão psíquica como as tempestades são originadas de uma imensa tensão atmosférica. Mas acredita que a falsa cultura de que se valeu a humanidade é que tem contribuído até hoje para isso. De fato. Custa a crer que homens cultos, ou pelo menos assim chamados, responsáveis pela civilização (que é um estado de refinada educação) se destruam uns aos outros. Se isto acontece é porque, evidentemente, a cultura é meramente um adorno, é um artifício, mas nunca CULTURA, pois se fosse CULTURA os homens se entenderiam entre si. Se a cultura não é suficiente, se a cultura não basta para equilibrar os valores morais com os valores materiais, então deve merecer outro nome até que seja possível o verdadeiro caminho da verdadeira CULTURA. Mas que CULTURA será esta? Aquela que dê ao homem a verdadeira compreensão da vida. Freud admite que para isso a humanidade terá que perder uma infinidade de ilusões, para poder entender melhor a natureza do organismo de seus instintos. Mas, contando com as objeções do leitor nesse sentido, diz Freud textualmente: "Parece grandioso — dirá o contraditor — uma humanidade que renunciou a todas as ilusões e assim se tornou capaz de acomodar-se suportavelmente sobre a Terra! Eu, porém, não posso suportar as vossas esperanças. Não porque seja obstinado reacionário, como talvez me julgueis, mas por discernimento. Penso apenas que trocamos os papéis: sois vós o entusiasta, que se deixa arrastar por ilusões e eu sigo o aviso da razão, do direito, do ceticismo. O que haveis exprimido parece-me construído sobre erros e que, a exemplo vosso, devo chamar ilusões, pois que traem bem claramente a influência dos vossos de-

sejos." Mais adiante diz: "O primado da inteligência está ainda longe, mas não no infinito!". A guerra mostra, assim, a inutilidade da cultura, através da natureza de um instinto elementar, o qual ela não pode abolir. Em consequência disto, presume-se que quanto mais for apurada uma civilização, tanto maior será o número de guerras a considerar. Serão cada vez mais refinados seus meios de autodestruição. Disto resultará, sem dúvida, um encurtamento notável da vida individual, pois o homem gerado pelas guerras, será um homem de sistema nervoso profundamente abalado e, portanto, de pouca resistência diante das agressões da vida. Ninguém, por exemplo, poderá prever agora quais os estigmas que assinalarão a geração de amanhã diante do quadro previsto dos bombardeios aéreos e da chamada guerra de nervos, resultante de novas táticas. Sabe-se que uma educação que se baseia unicamente no recalçamento ou uma cultura que se fundamenta unicamente na coação, não pode deixar de originar, através dos traumatismos nervosos, as mais imprevisíveis enfermidades.

NEUROSES DE GUERRA

No estudo que Freud faz a respeito das neuroses da guerra, chega a conclusão de que essas graves perturbações nervosas não nascem nos campos de batalha. Apenas o traumatismo produzido pela guerra é que promove o aparecimento da neurose. Não há uma neurose de guerra propriamente dita, mas o despertar de diversas neuroses provocadas pelo fogo do inimigo quem vem a ser muito pior. Se houvesse uma determinada neurose de guerra, teríamos apenas mais uma enfermidade a combater, mas não havendo uma, porém inúmeras neuroses promovidas pelo traumatismo bélico, os obstáculos a serem vencidos são bem mais difíceis e então, muitas psicoses não de surgir incompreendidas até o dia em que a humanidade encontre o motivo de todas as suas ilusões.

Eis aí, em síntese, o pensamento de Freud em torno da psicanálise de guerra e que ele mesmo expõe nos quatro capítulos fundamentais que encerram o seu livro.

Quisemos, entretanto, interpretar este pensamento, de vez que o mestre não tem aqui — nem nunca teve — a preocupação de coordenar idéias. Ele sempre as expõe de uma maneira assimétrica como falasse com Iniciados na psicanálise e em sua obra.

Antes de concluir, é interessante assinalar um fato que deve ter sido capital na sua vida, ele que escreveu aquelas palavras que podem ser lidas no capítulo sobre a desilusão das guerras, onde serenamente confirmou o que dissera vinte anos antes. Nenhum outro homem teria sofrido com tanta resignação a agressão nazista que ele

sofreu por ocasião da tomada da Áustria pela Nova Alemanha de Hitler. Isto se deu em março de 1938. Com a idade de 82 anos viu-se de um momento para outro impelido a esquecer todo o seu passado glorioso e assistir à destruição, na fogueira, de todos os seus livros. Com eles foram-se também os seus objetos e utensílios domésticos, os seus pequeninos monumentos de arte que eram como um museu de símbolos. Destruiu-se, num minuto, toda uma vida de trabalho, de beleza, de amor à humanidade, de verdade e de luz para o novo destino do homem.

Foi então que o obrigaram a deixar a Áustria, essa mesma Áustria que vira nascer todos os seus sonhos, para seguir, rumo ao exílio, em Londres, esta cidade acolhedora na qual morreu um ano mais tarde após haver pago o "resgate" exigido em dinheiro pelo chefe alemão para que lhe fosse possível sair de Viena. Há nesse particular um episódio curioso. Para Freud deixar a Áustria, Hitler precisa ser pago. O mundo quer pagar, mas outras dificuldades são ainda criadas. Depois, finalmente, a princesa Maria Bonaparte, sua discípula dedicada, tendo num banco vienense duzentas e cinquenta mil coroas que, em virtude das restrições de câmbio não havia podido retirar, propondo então aos nazistas que eles aceitem a soma em troca do passaporte de Freud e, assim, se tornou possível a partida do criador da psicanálise para aquele outro país.

Foi residir numa casa, escondida entre um jardim florido, próximo ao "Regente Park", em companhia da família. Trazia um livro debaixo do braço, ou melhor, os originais de um livro por concluir: "Moisés e a Religião Monoteísta", e a ele se dedicou até pouco tempo antes de sua morte. Faleceu a 23 de setembro de 1939.

Pois bem. Quem quer que o acompanhasse em vida, em Londres, poderia verificar a imperturbável serenidade que o caracterizava. Sempre procurado por jornalistas, nunca se referiu com censura à Alemanha de Hitler. Era prova de que estava certo em suas convicções. O progresso e a civilização tinham tornado o homem ainda mais bárbaro que aquele outro de 1914. A guerra ia estourar. Era fatal.

RAFAEL FERNANDEZ ("Paraguero") — Octagenário, com profissão atual de afiador de facas e consertador de guardachuvas, autodidata (alfabetizou-se em CUBA, aos dezoito anos, como imigrante espanhol. Trabalhava no campo, como cortador de cana de açúcar). Veio para o Brasil como trabalhador braçal, e militou no movimento operário, dentro do campo libertário, participando das últimas lutas da Federação Operária de Porto Alegre / R.S sofreu os rigores da repressão Getulista — preso várias vezes — e viveu e vive até hoje, marginalizado da sociedade de consumo pela opção de solidariedade feita à classe dominada.

Sartre, Hitchcock e Miller: a humanidade órfã

A sensação é que, de repente, ficamos órfãos.

Morreram, com pequenos intervalos de um para o outro, nos deixando com aquela sensação desagradável de perda.

Não pretendo esgotar o assunto nem fazer um inventário frio da importância deles porque os principais jornais já o fizeram e com relativa competência. Não interessa aqui onde nasceram, o que fizeram de mais importante, as mulheres que tiveram, os prêmios que ganharam.

É mais importante o impacto de três homens tão diferentes e que nos tocaram tanto. Um mais do que outro, talvez. Mas todos juntos formaram essa nossa cultura da década passada e início desta impondo suas personalidades.

SARTRE

Sartre para mim é uma questão de identificação absoluta. A sensação chegava a ser estranha porque eu imaginava uma maneira de reagir muito pessoal contra uma tirania ou injustiça muito grande e lá vem o "velhinho", lá de Paris, e age de maneira muito próxima do que estava pensando. Foi magnífico ao recusar o Prêmio Nobel deixando o mundo inteiro boquiaberto e a Suécia desmoralizada. Já tinha sido grande o suficiente na Resistência Francesa, nas suas obras. Mas o que deixa Sartre ser uma figura ímpar e impressionante para gente como as pessoas injustiçadas é a sua imensa força de gritar, de fazer exatamente o que os opressores menos esperam e, inclusive, que seria o comportamento óbvio do oprimido. Ele recusa honrarias, denuncia violentamente as opressões e toma atitudes que só uma consciência muito grande e um caráter firme — num mundo cada vez mais de pequenos homens — pode suportar. Foi magnífico ao romper com o marxismo depois de uma existência tentando compreendê-lo e ajudá-lo com uma boa von-

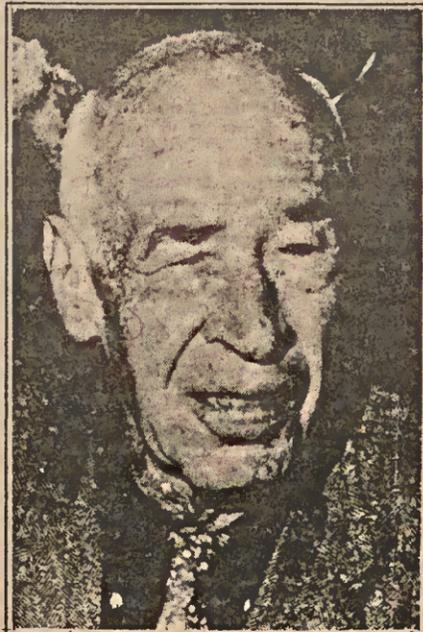
tade que o transforma em insuspeito quando não suportou mais os conchavos, as invasões armadas, as sangrias. Rompeu, voltou ao anarquismo inicial, às posições desconcertantes e como os seus personagens foi até o fundo do poço da existência entender que a condição humana para ter algum sentido era preciso resolver a problemática da exploração e da autoridade. A sua noção de liberdade sempre foi um antídoto contra o totalitarismo marxista. Seu agudo senso crítico o permitiu escapar das simplificações da filosofia da natureza de Engels e finalmente o Existencialismo, se não é uma doutrina completa por não propor uma alternativa social e econômica ao capitalismo, é a melhor visão da condição humana até hoje apresentada. O homem é aquilo descrito por Sartre. Neste ponto ele foi profundo. Além da obra ele deixa os atos. A sua coragem de agir na rua. De vender jornais de mão em mão, de visitar terroristas, de ser um homem de atos e voz contra a opressão, humilhação e vergonha que os poderosos sempre impuseram a todos nós. A humanidade fica órfã de um dos homens mais consequentes do nosso século.

HITCHCOCK

Hitchcock foi uma perda pessoal. Ver seus filmes é um deleite. Foi como se perdessemos o tio mais engraçado da família. A importância dele está no fato de fazer um cinema popular enquanto os intelectuais fazem filmes para eles mesmos ou para ninguém e falam de "cinema para o povo". Exiba-se num cinema de bairro, num cinema popular, "Um corpo que Cai", "Psicose", "Os Pássaros" e veremos a platéia solenemente reverenciada. Isto é que é arte popular. Alto nível de narração e atingindo o público sem precisar de leis de obrigatoriedade, de pressão para ser assistido. E ele nivela as platéias. O doutor sente os mesmos calafrios que o peão quando Janeth Leigh é assassinada por Anthony Perkins em "Psicose". O mais

importante é que nivela por cima e não por grande. Agora, tendo como ponto de referência o espectador. Crítico mordaz da família e do casamento, possui sempre um senso de humor cortante e, se quisermos enxergar nas entrelinhas, veremos uma visão crítica do mundo entre um assassinato e outro.

Agora, a má-vontade de intelectuais incompetentes sempre foi muito grande. Principalmente por que ele sempre foi muito rigoroso com os países marxistas. A maneira cinzenta de apresentar Berlim Oriental irritou os comunistas do mundo inteiro. Aliada aos interesses políticos que cega o espectador, os comunistas



Henry Miller: ferrenho inimigo da sociedade burguesa americana.

passaram a assistir Hitchcock às escondidas. Vão todos, porque o encanto de sua obra é muito forte. Saem cabisbaixos e falando mau. Resmungando. Claro, porque os filmes chatíssimos recomendados pelos PCs não há saco que agüente... Só com lei de obrigatoriedade...

Mas deixamos de lado os que, por motivos muito claros, lhe torcem o nariz. É, pessoalmente, um grande prazer assistir seus filmes. Como arte, como reflexão, como deleite numa vida breve e angustiada. Os mais cretinos vão tentar colocar o que eu estou dizendo num debate estéril sobre arte engajada e arte pela arte. Poderia fazer um extenso ensaio sobre isso mostrando que Hitchcock é mais popular do que todos eles, mas o espaço não permite. E, mesmo, os veremos esgueirando-se pelas portas dos cinemas, disputando cadeiras para verem sua retrospectiva...

MILLER

Henry Miller é apaixonante. Iconoclasta. Juventude vivida com anarquistas, irreverente, disposto a escandalizar a falsa moral da burguesia, foi um dos primeiros autores a iniciar um romance dizendo que sua personagem estava com chatos.

Claro que o importante não é o estar com chatos, mas o que ele sempre colocou como básico da condição humana. A libertação de tabus e preconceitos.

A sua irreverência é muito maior do que a dos jovens de hoje em dia que só timidamente ousam alguma coisa.

O mundo está perdendo seus mais valentes e importantes personagens. É uma dor muito grande isso. Essa precariedade da vida — muito bem sentida por Sartre — nos deixa um sabor amargo cada vez que um desses homens morre. Resta o consolo de que seus gritos ou gargalhadas ecoam ainda e eles vivem para nós.



## Walter Franco

**ou: Ninguém suporta a dor canalha de ser maldito e vender poucos discos.**

Argus Mário Paholsky entrevista Walter Franco:

**AMP — Que surpresa folhear a revista "Contigo" e encontrar Walter Franco fazendo queda-de-braço e dizendo que "agora chega de canções complicadas". Quem te viu, quem te vê Walter. Revolvendo os "ânus" 70, te vejo nos tantos palcos, de tantas vaias, catalisadas pela sua figura que segundo algumas línguas nasceu para ser vaiada. Vamos direto ao assunto: até onde sua nova fase é fruto da rejeição do público aos seus trabalhos? Houve concessões e comerciais?**

Walter Franco — Não existe essa preocupação da minha parte. Essa preocupação existe na cabeça das pessoas que vivem fabricando fases e etapas por conta própria, eu não tenho nada com isso. É preciso entender meus discos como um reflexo do que eu fui em determinada época, mas não como uma coisa isolada, sem nenhuma ligação com épocas anteriores, existe uma continuidade em todo o meu trabalho. Essas tais fases que certas pessoas fabricam, como antes do "REVOLVER", depois do "REVOLVER", se o meu comportamento mudou por causa das vaias, isso é um delírio da imaginação dessas pessoas.

**AMP — Mas o "FIC", o "ABERTURA", as vaias...**

Walter Franco — Viva a vaia! Que seja dado ao público toda a liberdade de vaia e ao artista toda a liberdade de criar. As vaias nunca me levaram a fazer alguma mudança no meu trabalho, que eu não desejasse. Aquilo tudo, foi apenas um momento, em que nós estamos?

**AMP — Em alguns momentos, dá pra sentir uma forte influência do rock na sua música, principalmente naquelas onde o swing é mais acentuado.**



**Walter Franco: para não ser mais maldito.**

Walter Franco — O rock foi um momento na minha vida, mas eu estou aberto a todo tipo influência, de informação, desde o rock, até uma criança ou um cachorro. Tudo pode ser uma fonte de criação para mim, aqui ou em qualquer lugar. Swing, feeling, balanço, música para o corpo? Não sei o que é isso. Não faço distinções entre cabeça e corpo, para mim é tudo uma coisa só e minha música é um exercício dessa totalidade, desse equilíbrio.

**AMP — Os músicos novos, aqueles que estão começando, se queixam, em relação aos grupos fechados, às panelinhas que existem na MPB, o que torna o mercado ainda mais difícil de ser penetrado por esses músicos.**

Walter Franco — Não existem grupos ou panelinhas, não existe desunião nenhuma. Os músicos estão aí, trabalhando juntos. A desunião é fruto da imaginação de pessoas que não trabalham diretamente com música, mas de alguma forma estão próximas aos músicos. Não são apenas os críticos, são pessoas que só sabem raciocinar dividindo as outras em grupos, fazendo análises sem nenhuma relação com a realidade, fabricando essa pseudo-desunião.

## Morre jornalista — poeta Argus Mário Paholsky

**POR NELSON TANGERINI**

O Inimigo do Rei perdeu no dia 1º de abril, um grande jornalista e poeta. Trata-se de Argus Mário Paholsky, que vinha até pouco tempo, contribuindo com excelentes matérias para o anti-monarquista.

Parecia mentira, essas lorotas de 1º de abril, mas logo foi confirmado de que a notícia era verdadeira. Argus, de 26 anos, havia se lançado do 11º andar do prédio da ABI (Associação Brasileira de Imprensa), caindo na Rua México, no centro do Rio de Janeiro.

Seus amigos, muito chocados, e sem saber a causa do suicídio, fazem um grande esforço para editar um pequeno livro com poesias suas.

A família, Sr. Argemiro, D. Clara e Cynthia Paholsky (essa última, sua irmã), deixaram claro, que não havia nenhuma crise financeira ou qualquer envolvimento — possível — com drogas. Argus apenas queria ser indepen-

dente dos pais, e o jornalismo não lhe dava essa independência.

Morre um poeta, morre um jornalista, e com ele, a esperança de ver o pobre sorrindo; de estômago cheio, o povo se organizando, votando, e participando de todas as atividades políticas. Mas não morreu a idéia, a obra. E isso será provado por um grupo de amigos. É claro que este grupo gostaria que nada disso acontecesse e que este lançamento não fosse do jeito que vai ser. "Queríamos a sua presença."

Argus pode ter morrido sem maiores publicações (ele merecia muito mais do que isto), mas ele continua vivo dentro de cada um, porque cada pessoa faz parte dele. É parte dele. Ele continua vivo no coração daqueles que sentiram suas revoltas contra as injustiças sociais e as panelinhas, suas emoções. Continuam vivos, seu anarquismo, seu calor pelo povo sul-americano (o brasileiro) e suas críticas um tanto frias.

\* 23/01/1954 + 01/04/1980

Paholsky nos pediu uma retificação em fevereiro. Aqui vai: o artigo "A Cicatriz dos Passivos", saído no nº 9, foi feito de parceria com Osmar Soares de Oliveira Filho. Tá retificado.

# Preso Comum

**MAÍSA**

Tentou várias portas a procura de trabalho, nada... Precisava de dinheiro. Com um revólver de brinquedo tentou assaltar um homem que passava, este sentindo sua insegurança reagiu.

Preso, apanhou como se o revólver fosse de verdade, prá deixar de ser vacilão, como dissera um dos policiais.

Pegou detenção de 8 meses.

Quando livre foi em busca de trabalho, achou uma porta aberta, precisa de folha corrida, atestado de bons antecedentes, procurou um advogado, que pediu dinheiro e tempo, até que se rasgue o processo.

Um parente com pena arranjou uma mala de cigarros.

A noite voltando da guia, encontrou

alguns policiais que já o conhecia da casa de detenção, cercaram, pediam carteira de trabalho assinada. Explicou que tinha uma licença para vender cigarro. A resposta foi o empurrão pra dentro do camburão.

Os policiais contaram a estória de um roubo, era sua palavra contra a de quatro. Também não precisou falar, o delegado nem quis ouvir.

Reincidente, levado a prisão estadual, sentiu que estava marcado para sempre, até os parentes não o queriam mais, estava sozinho. Os companheiros de prisão que lhe davam a maior força.

— Quando você sair daqui, jogue duro, meta bronca.

Ele saiu, mas agora tinha alguma coisa que não tinha antes: ódio, e um revólver de verdade.

## Liberdade sexual e amor livre

**F. SILVA •**

De um tempo para cá a imprensa anarquista vem abrindo espaços imensos ao trato da liberdade sexual e homossexual.

É verdade que o tema nunca foi desprezado pelos anarquistas, com vistas a romper tabus, condicionadores seculares e, libertar a mulher e o homem desses grilhões escravizadores.

Os anarquistas sempre viram no AMOR uma entidade emotiva do estado afetivo e mental que aproxima e realiza duas pessoas de sexos diferentes. Por isso advogam o AMOR LIVRE por ver nele duas forças que agem sobre a Humanidade para a conservar e a fazer avançar a força afetiva e a força intelectual. Sobre ambas atuam principalmente a alimentação e o AMOR.

Tanto o alimento como o amor escasseiam e faltam a uns e sobram a outros, na sociedade atual. Por isso homem e mulher são escravos do sistema econômico vigente. E, no entanto, o homem e a mulher são seres equivalentes com direito a dispor, a seu gosto, de suas pessoas.

Para o anarquista as necessidades fisiológicas e psicológicas do amor escapam às regulamentações, porque têm em si a sua própria razão de ser, a sua natureza incapaz de modificar-se por meio de códigos, de leis, de preconceitos sociais.

Mas a plena liberdade sexual, indispensável ao indivíduo e à espécie não é tudo. Amor também é o carinho da mãe, o abraço fraterno do amigo e afinidade ideológica e, como energia emocional e mental aproxima os seres humanos, une os casais e os separa quando desaparece, independente das leis da Igreja e do Estado. Amor — é para os anarquistas — uma energia sem ataduras de nenhuma espécie.

Sobre o Amor Livre e liberdade sexual escreveram-se livros como a NOVA ÉTICA SEXUAL, de Emile Armand; HAN RYNER E O AMOR NO PLURAL, de Maria Lacerda de Moura; O AMOR LIVRE, de Charles Albert, e tantos outros. Alguns anarquistas chegaram a dar ao sexo uma importância exagerada, de certa forma, mas em nossos dias, o tema vem ocupando espaços preciosos na imprensa libertária — tão necessários para assuntos muito mais importantes — que nos convidam a dizer alguma coisa sobre ele.

Como ponto de partida, cumpre dizer-se que em quase todas as manifestações sobre liberdade sexual e homossexualismo, existe sempre alguma coisa que salta logo ao raciocínio do leitor. Os seus autores — salvo algumas exceções — estão demasiadamente comprometidos com o tema! Não raro deixam antevermos vínculos com seus trabalhos, como se seus alter egos surgissem em espelhos a refletir imagens à nossa frente. Isto não quer dizer que escrevem em causa própria, que livros ou artigos exteriorizem inquietações que se agitam a partir dos seus inconscientes, e que sem o perceber, se lançam a defender "heroicamente" a "prática sexual ampla, geral e irrestrita" ou a denunciar "eletrochoques contra os homossexuais" em primeira página de jornais "libertários" com maior destaque de que "Congressos anarcosindicalistas." Mas achamos que é caso para se perguntar: não estarão os seus autores a supervalorizar a prática sexual e o homossexualismo? E ao defender tão ardorosamente os homossexuais não estarão ainda a defender complexos

que se escondem atrás da falta de coragem de assumir individualidades? Não será exagero ver-se nos homossexuais vítimas da sociedade, quando muitos deles são ministros, industriais, comerciantes, políticos destacados, altas figuras do clero, autoridades de certa força que ocupam altos postos, e tem livre trânsito no seio da burguesia mais refinada? Como separar nesses casos as vítimas dos verdugos?

Para o libertário o homossexual é uma vítima da sociedade burguesa como o ébrio, o viciado, o mendigo, o criminoso e toda uma gama de mártires, — inclusive o trabalhador não-especializado, a formar as últimas camadas sociais.

Quando o anarquista combate a exploração do homem, está se propondo acabar com as classes sociais, a varrer todos os obstáculos, a arrancar todas as máscaras e a libertar o homem de todos os condicionamentos, a descomplexar o ser humano, está falando de uma sociedade de irmãos, onde todos — inclusive os homossexuais — terão o seu lugar e o direito de viver dignamente.

Distingui-lo agora, torná-lo mártires quando a sociedade capitalista nos oferece à contem-



plação diária milhares e milhares de vítimas carentes de alimentos, roupa, casa e tantas outras necessidades, onde a liberdade sexual e o homossexualismo se perde no meio dessa imensa massa humana de desgraçados, é, temos de concluir, no mínimo, uma ingenuidade. E depois, como está provado — muitos homossexuais são burgueses, reacionários, opressores e não vítimas!!!

Não vamos execrar os homossexuais como fazia o jornal anarquista "A LANTERNA" de S. Paulo, em 27 de abril de 1912, ao estampar por baixo do retrato de um reverendo: "PADRE PEDERASTA," explicava: "Este padre miserável, de nome Ferdinando Luiz Maria João Henrique Daine, De Saxe e Bragança, tio do ex-rei D. Manuel, acaba de ser condenado a dez anos de prisão pelo tribunal de Leeds, cidade do norte da Inglaterra, por ter violado um dos seus pagens, fato que se deu em Scotton Grange, em Janeiro de 1912." Mas também não vamos empunhar a bandeira de tantos padres, ministros, embaixadores, industriais, comerciantes e burocratas a "constituir" a classe do homossexuais — "ativos e passivos" — juntamente com outros de funções subalternas na sociedade, e sair por aí agitando nas páginas de imprensa anarquista, onde sempre falta espaço para a boa doutrina.

Liberdade sexual e homossexual sim! Mas colocá-lo à frente da propaganda do anarquismo não!!!

# BIBLIOTECA

## O Mito do Partido

Marino de Sá Caniculeiro

Em magnífica entrevista concedida com exclusividade ao jornal **EM TEMPO**, nº 64 e 65, de 18 a 31 de maio de 1979, totalmente ignorado pelas esquerdas verde-amarelas, que preferiram, naturalmente, não mexer em casa de marimbondos, Jean Paul Sartre, faz afirmações contundentes em relação aos partidos políticos, como organismos centralizados, autoritários, destinados a procriar transformações sociais.



Diz ele: "O partido é, para mim, uma forma crescente superada de relação entre os homens, e uma relação falsa. A fraternidade é algo muito mais poderoso entre os homens (...) melhor que um partido é o corpo social mobilizado, estas grandes multidões que querem fazer algo e que, dizendo-o ou não, fazem a mesma coisa. Isto é, o corpo social mobilizado para a ação e pela ação" (...)

(...) penso que o partido é uma forma ultrapassada, em vias de perder o significado que havia no século XIX e início deste. É na França que se vê atualmente como os partidos não são mais viáveis. A crise interna do PCF é terrível e, ao se desenvolver provocará sua pulverização. O Partido Socialista mal existe, não chega a se constituir realmente. (...)

Muitas coisas terríveis sobre o Estado e os chefes afirmou Sartre, porém, no momento, o que nos interessa são as afirmações sobre os partidos políticos em nada diferentes das posições libertárias, há mais de um século.

E mais, porque na atualidade política brasileira eles estão proliferando como cogumelos após chuvas, portanto, muito oportuna a publicação, pela Editora A, de um folheto sob o título **O MITO DO PARTIDO**, que se compõe de dois ensaios: o primeiro, que dá título ao trabalho, é um capítulo do excelente livro do escritor libertário Murray Bookchin: "Escute, marxista", publicado pela revista **Anarchos** de New York. Lamentamos inicialmente que a edição brasileira não tenha reproduzido sete notas de pé de página. Quatro delas essencialmente esclarecedoras, mas por outro lado a tradução está correta ao ser comparada com o original inglês.

Murray mostra claramente como na revolução russa de 1905 a 1917, Revolução Húngara, 1956, greve francesa de 1968 etc, o "Glorioso Partido" andou de muletas e a reboque dos acontecimentos, quando não, tentou entrar os acontecimentos. Diz que em todos os acontecimentos revolucionários, o partido tem uma função inibitória de retardação e tenta frear o fluxo dos acontecimentos. Reflete sempre as linhas hierárquicas da sociedade a que se pretende opor. É um organismo burguês, um Estado em miniatura. O partido é extremamente vulnerável nos períodos de repressão. Estando os líderes presos ou escondidos, o partido fica paralisado.

### QUAL O VERDADEIRO?

O outro ensaio, também com o título de "O MITO DO PARTIDO", é um trabalho elaborado pelo grupo Orobon Fernandez, da Espanha, na época da ditadura franquista.

Inicia-se perguntando qual o verdadeiro partido da classe trabalhadora, pois nos arraias de pelo menos 10 organizações marxistas — leninistas todas elas auto — proclamam-se a verdadeira. É como uma religião, que não pode haver vários deuses ao mesmo tempo. Na realidade, todos eles desconfiam da classe operária, e o que fazem, uma vez alcançando o poder, é separar a classe operária de toda tarefa revolucionária.

O trabalho prossegue fazendo uma análise do conceito de Greve Geral e as concepções de Rosa Luxemburgo, uma análise da autoridade e o Estado. Uma crítica serena a vários conceitos de Engels, e a reestruturação social, do ponto de vista libertário e anarco-sindicalista.

Excelente impressão, capa de extraordinária originalidade, pena que a obra já esteja esgotada tal a sua procura. Segunda edição para breve.

O MITO DO PARTIDO, Murray Bookchin, Editora A, Rio Grande do Sul, 1980, 36pp, Cr\$ 50,00.

# Leitura Libertária

1) revista "BARBÁRIE" (revista de cultura libertária) — Caixa Postal: 2454 — 40.000, Salvador, Bahia.

2) revista "AUTOGESTÃO" São Paulo (SP).

3) "DEUS VERMELHO", de Edgar Rodrigues — Editora Mundo Livre (Rio) — 128pp — Porto (Portugal), 1978.

4) "TRABALHO E CONFLITO — PESQUISA 1906-1937", de Edgar Rodrigues — edição do autor — Rio, 1978.

5) "NOVOS RUMOS — PESQUISA SOCIAL 1922-1946", de Edgar Rodrigues — Edições Mundo Livre 482 pp — Rio, 1979.

6) "ALVORADA OPERÁRIA", de Edgar Rodrigues — Edições Mundo Livre — 360pp — Rio, 1979 (endereço do autor: Caixa Postal: 1.124 — 20.000, Rio de Janeiro, RJ — Brasil).

7) "OS DESPOSSUÍDOS", de Ursula K. Le Guin — Editora Nova Fronteira — 284pp — Rio, 1978.

8) "LENIN", de Daniel Guérin — Edições Mundo Livre — 32pp — Rio, 1979.

9) "ANTOLOGIA DO SOCIALISMO LIBERTÁRIO", de Bakunin, Rocker, Castoriadis, Malatesta e Tomasi — Edições Mundo Livre — 52pp — Rio, 1979.

10) "O ANARQUISMO", de Daniel Guérin — Editora Germinal — 176pp — Rio, 1968.

11) "AÇÃO DIRETA", de José Oiticica — Editora Germinal — 284pp — Rio, 1970.

12) "BUROCRACIA E IDEOLOGIA", de Maurício Tragtenberg — Editora Ática — 228pp — São Paulo, 1974.

13) "1984", de George Orwell — Cia. Editora Nacional — 280pp — São Paulo, 1978 (11ª edição).

14) "A REVOLUÇÃO DOS BICHOS", de George Orwell — Editora Globo — 136pp — Porto Alegre, 1975.

15) "HOMENAGEM À CATALUNHA", de George Orwell — Edição "Livros do Brasil" (Rua dos Caetanos, 22 — Lisboa) — 268pp — Lisboa, Portugal.

16) "ANARQUISTAS, IMIGRANTES E O MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO", de Sheldon Leslie Maran — Editora Paz e Terra — 180pp — Rio, 1979.

17) "AUTOGESTÃO: UMA MUDANÇA RADICAL", de Alain Guillerme & Yvon Bourdet Zahar Editores — 230pp — Rio, 1976.

18) "SACCO & VANZETTI, UM ERRO IRREPARÁVEL", de Katherine Anne Porter — Editora Salamandra — 90pp — Rio, 1978.

19) "OS MESTRES PENSADORES", de André Glucksmann — Publicações Dom Quixote — 260pp — Lisboa, 1978.

20) "A COZINHEIRA E O CANIBAL", de André Glucksmann — Editora Paz e Terra — Rio, 1979.

21) "O QUE É A PROPRIEDADE?", de Pierre Joseph Proudhon — Editorial Estampa — 250pp — Lisboa, 1971.

22) "CONVERSÇÕES COM STALIN", de Milovan Djilas — Editora Globo — 162pp — Porto Alegre, 1964.

23) "A NOVA CLASSE", de Milovan Djilas — Livraria Agir Editora — 290pp — Rio, 1971.

24) "A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO", de Guy Debord — Edições Afródite — 208pp — Lisboa, 1972.

25) "O POVO EM ARMAS (BUENAVENTURA DURRUTI E O ANARQUISMO ESPANHOL)", de Abel Paz — 2 Volumes (256 e 264pp) — Editora Assírio & Alvim (Rua Passos Manuel, 67-B, Lisboa-1) — Lisboa, 1978.

26) "O ANARQUISMO HOJE (Jean Barrué); A REAÇÃO NA ALEMANHA (Mikhail Bakunin); BAKUNIN E NETCHAIEV (Jean Barrué); CATECISMO REVOLUCIONÁRIO (Netchaiev)" — Editora Assírio & Alvim — 190pp — Lisboa, 1976.

27) "DEUS E O ESTADO", de Mikhail Bakunin — Editora Assírio & Alvim — 174pp — Lisboa, 1976.

# SOCIALISMO UMA VISÃO ALFABÉTICA

## SOCIALISMO

Edgar Rodrigues

ED PORTA ABERTA LTDA

# SOCIALISMO

O livro é de uma felicidade completa.

Procurando esclarecer sobre o pensamento libertário em forma de verbetes, traz curiosidades e detalhes que só o espírito de pesquisador de Edgar Rodrigues poderia ter a paciência de catalogar. Por exemplo, qual o significado a bandeira negra para o anarquismo e qual a sua origem.

É um livro importante se levarmos em conta que a maioria dos dicionários de ciências política que existe é limitada a uma determinada facção política ou à assepsia das obras didáticas.

Esse livro é diferente.

Enumera o pensamento libertário e o mundo político sob a sua ótica, em forma de dicionário.

É, evidentemente, uma obra para iniciar estudiosos ou servir de livro de consulta quando se está lendo outros textos sobre anarquismo.

SOCIALISMO. UMA VISÃO ALFABÉTICA, de E. Rodrigues, Edit. Porta Aberta; 308 pp; Rio, 1980.

## O que é o Anarquismo

O livro não é ruim. Acostumados como estamos a ouvir e ler absurdos sobre o anarquismo, podemos dizer que, pelo menos, esse livro é honesto.

Não mente, não altera e a finalidade do autor foi, sem dúvida, informar em nível de "primeiros passos", o que seria essa doutrina política tão mal veiculada pelos órgãos da imprensa burguesa e pelas editoras marxistas.

Acredito até que o trabalho de Caio Túlio Costa foi mais além. Consegue penetrar em debates até então circunscritos ao meio anárquico e atualizar a história do anarquismo.

Entretanto, limitado a ser um pequeno trabalho introdutório do tipo: "o que é..." e em série, sofre estas limitações desfocando muitos aspectos importantes do anarquismo. Omite fatos e personagens importantes, ficando numa posição pessimista — pessimismo pequeno-burguês, arriscaria a dizer — com o movimento anarquista como um todo.

O autor, visivelmente influenciado por Woodcock, que é um estudioso pessimista do anarquismo, revela essa má vontade com o movimento como um todo e com fatos isolados e particulares.

É preciso que compreendamos que o anarquismo é uma doutrina proletária revolucionária — a única verdadeiramente de esquerda — portanto a abordagem do tipo estatístico que procura número de façanhas políticas apreciáveis é de uma tolice imperdoável. Infelizmente, com o interesse que o tema tem despertado ultimamente, estudiosos demoram-se muito tempo em enumerar fatos e lamentar fracassos.

Quando, a meu ver, o mais importante seria uma exposição clara da importância para o operariado e para as esquerdas de existir uma forma de socialismo libertário. O anarquismo não foi, está por vir.

Nessa perspectiva, o entendimento do que é anarquismo torna-se mais fácil e mais real. É tolo se julgar ou se analisar o anarquismo apenas pelas suas realizações concretas, pelos movimentos concretos que pos-

sui. É importante a sua história, mas desde que assuma uma perspectiva dinâmica e não estática, ou estatística, porque nada revelaria do que é de fato o anarquismo.

O que é importante nesta doutrina é o fato dela ser a visão operária do socialismo e ser um socialismo do futuro e não do passado. Uma análise apenas do anarquismo "que não deu certo" é limitar-se muito ao puramente episódico, não vendo nos fatos uma corrente histórica que aponta para um desenvolvimento.

É muito comum essa abordagem. Enumeração de fatos retirados da história do anarquismo como uma sucessão de fracassos. Essa visão estreita deixa escapar o que é o próprio anarquismo. Um socialismo que há de vir e não uma experiência institucionalizada.

Por enquanto, o anarquismo não tem grandes organizações tipo os partidos ocidentais nem foi implantado em um país com continuidade mas esses fatos só revelam que devido à sua estrutura essencialmente proletária e ao fato de ser a própria consciência operária do socialismo torna-se, talvez até, necessário que assim seja. Nesse período da história em que vivemos, e no passado, não era chegada a hora do anarquismo. Talvez, talvez, de triunfar as forças reacionárias do socialismo para impulsionar com o seu fracasso o próprio anarquismo.

Agora, o trabalho de Túlio Costa, embora padeça desse defeito que não consegue superar tornando-se assim, até um certo ponto, anti-anárquico, é primoroso como consegue de maneira breve e clara historiar e interpretar os grandes momentos do anarquismo.

Deve ser lido por todos que se interessam pelo tema.

O QUE É O ANARQUISMO, de Caio Túlio Costa, Edit. Brasiliense; 124 pp; São Paulo, 1980.



# A dinâmica libertária

E.O.R. (Rio de Janeiro)

São frequentes as afirmações de que o anarquismo é produto de uma posição romântica. Entretanto, melhor estudado e pensado chega-se a convicção de que ele é realista ao encarar o indivíduo dentro de sua dupla condição: um ser em crescimento, com possibilidades ilimitadas de liberdade interior, mas ao mesmo tempo, portador de condicionamentos pessoais e arquetípicos que também fazem parte de sua dinâmica.

Quando ele propõe um tipo de organização social na qual o poder não possa ser exercido por minorias, o faz sabendo quanto o poder atrai o ser humano, mesmo aqueles que se dizem idealistas e que lutam por uma sociedade mais justa.

E quando projeta uma sociedade descentralizada, está revelando todo seu respeito pelo homem e o direito que ele tem de participar na dinâmica da comunidade em que vive.

Além do mais, procura estabelecer um tipo de convivência onde as potencialidades de cada um possam se desenvolver plenamente e na qual as diferenças biológicas sejam plenamente aceitas; a comunidade estará receptiva a cada potencial individual.

Aos que na sua crítica, se prendem a modelos ultrapassados, diremos que o socialismo libertário é dinâmico. Acompanha o processo histórico e por isto está constantemente revendo e modificando suas posições em relação às possibilidades de transformação social. Se no passado os libertários pretendiam que uma revolução traria, de imediato uma total transformação da sociedade, atualmente sabem que ela terá de ser gerada dentro da própria sociedade capitalista e que o papel da revolução será o de fazer eclodir as formas autogestionárias de organização e produção no campo político, en-

conômico e cultural. Essas formas autogestionárias já foram até experimentadas em alguns países da cortina de ferro como Iugoslávia e Tcheco-Eslováquia, ainda que de forma precária e limitada pelo poder estatal.

A humanização do trabalho, a liberação da criatividade, a transformação da família patriarcal em organizações comunitárias baseadas na ajuda mútua, no respeito pelo ser humano são algumas das reivindicações buscadas a todo momento, dentro de nosso contexto social.

O anarquismo não aceita nenhum tipo de paternalismo. Entregar ao Estado, ou sem outras palavras, à classe dirigente a gestão dos assuntos econômicos é demais, significa estar dependente de uma direção superior e autoritária. Supor que possa existir uma elite capaz de distribuir justiça, significa fechar os olhos para as fraquezas humanas e consequentemente o máximo de ideologia.

Se, em nome de uma justiça e bem-estar geral é necessário, nos países ditos socialistas, haver repressão policial, cárceres, campo de concentração, censura, diferenças de classes, técnicas apuradas de guerra, isolamento em instituições psiquiátricas, politicagem no trato com outras nações, o libertário se pergunta: que modificação fundamental sucedeu? Onde está a revolução? Diante do argumento de que é necessário um estágio prévio de organização econômica e educação do povo, o anarquista se ri da ingenuidade de quem não vê que o Estado só tende a se tornar cada vez mais forte, poderoso e centralizado. O povo nunca poderá se educar para governar seus destinos se não começar participando das coisas sensíveis.

"Ter o poder significa decidir sobre a limpeza das ruas, a educação dos filhos, a organização das fábricas e campos, os horários de trabalho, o governo de suas Universidades, o Deus em

que cada um deseja crer, a maneira de governar a cidade, seu bairro, seu país (1)"

Para o anarquista, socialismo é por definição libertário, participacionista, realmente democrático, autogestionário. Isto significa uma estruturação que respeita a dinâmica própria da vida que é a espontaneidade, isto é, ninguém tem liberdade para aquilo em relação ao qual não tem condições de ser responsável. Para o anarquista a liberdade vem ligada a responsabilidade ou então não é liberdade.

Roger Garaudy, confessadamente marxista, revela que sob o pretexto de um socialismo científico, tem sido imposto, nos

regime socialista da Comuna de Paris: **democracia autogestionária em economia e descentralização em política; além disso, é preciso libertar a pesquisa marxista das preocupações e eleitorais que mantêm o papel dirigente do partido (2).**

Essas conclusões a que estão chegando os marxistas atuais já tem sido afirmado pelos libertários há mais de cinquenta anos.

Para os que estão prisioneiros da visão do determinismo econômico, nós acrescentamos: — O anarquismo vê, na crise de nosso tempo, não somente uma crise econômica mas acima de tudo uma crise de autenticidade do ser humano. Uma crise perigosa,

niedade e liberdade que exige dele um "ser responsável, exige dele poder mergulhar no pessoal. O homem concebido pelo anarquismo é o "Homem Revoltado" de Camus, portador de uma grandiosidade que o assemelha aos deuses mas, ao mesmo tempo, vivendo na tragicidade de sua condição finita. É o homem que sofre, se angustia, se deprime mas, ao mesmo tempo ama e se extasia; que anseia por seu crescimento mas nunca está pronto, nunca está acabado, que nessa luta muitas vezes se revolta com suas limitações, se sente impotente e por isso cai na onipotência e no Desvairo. O que há de romântico nisso?

O anarquista sente que falharam todos os tipos de sociedades existentes, mas ao mesmo tempo sabe que elas surgiram não só das necessidades e contingências econômicas mas também do inconformismo do ser humano em aceitar suas limitações ao mesmo tempo que busca sua autenticidade e plenitude.

A crise de hoje é também produto da coisificação e alienação do qual o proletariado também é vítima.

É preciso adquirirmos força para colocar a dinâmica da vida no lugar do Estado, a convivência amorosa no lugar da dependência e da resignação, a criatividade espontânea no lugar do trabalho alienado.

É necessário e urgente darmos o salto que nos permitirá viver numa comunidade autêntica onde cada ato e atividade humana, mesmo as imprescindíveis do cotidiano estão preenchidas de sentido porque o homem pôde finalmente encontrar o tu do seu eu e por isso não vive mais em função do ele.

(1) "Oito perguntas à Revolução Peruana", revista "Reconstruir", nº 89, março/abril 1974, página 50, Montevidéu.

(2) "O Projeto Esperança", Editora Salamandra, Rio 1976.



Extraído (e adaptado) da revista libertária portuguesa "Ação Direta"

países ditos socialistas, um cientificismo dogmático. São palavras suas: "É necessário libertar o marxismo da coleira de ferro da visão estalinista, só assim o movimento comunista poderá encontrar uma nova primavera e chegar finalmente ao modelo de

sofrida, mas inevitável. No fundo, uma crise de crescimento no qual o homem quer cortar todos os cordões umbilicais (Deus, Família, Partido, Pátria, Raça, etc.) mas ao mesmo tempo se sente inseguro e temeroso de agüentar toda a carga de sua esponta-

## Balançando o Coreto da Pelegada

Falar sobre movimento sindical, tempos atrás, no Brasil, significava criticar a CLT ou denunciar burocratas sindicais. Porém desde que a "galera" decidiu virar a mesa, pelos Idos de 77, metendo greve e "bronca" no lombo dos patrões, muita digestão ficou perturbada e muitos perceberam que o trabalhador não tinha perdido a "garra".

Conhecemos intelectual universitária que há anos, vociferava que o operário só vivia para cachaça, mulher, futebol e loteca. Hoje, a boa senhora, deve andar em divã de analista, tentando entender como a consciência brotou na cabeça dessa "corja malcheirosa de alienados".

A rigor, a consciência nunca esteve ausente do operariado. Como na luta política, sua quota de sofrimento é muito maior do que a da classe média, ele não "desbunda", porém "come quieto". Basta lembrar as operações "tartaruga" e as sabotagens de produção no tempo de Médici, com fábricas recheadas de segurança e ratos do SNI.

Já era sabido que, após três largas ondas de greves, que começaram a liquidar com a política salarial do governo, um passo mais amplo, um movimento mais profundo, deveria ser iniciado pelos trabalhadores. E isto é óbvio. Sem uma bem estruturada organização de classe, as lutas tendem a ser isoladas e neutralizadas pelos patrões com o decidido apoio do Estado.

Os últimos acontecimentos do ABC provaram que uma categoria sozinha, por mais forte e apolada que seja, pode perder greve importante; a não ser que sua luta seja encampada por outros setores da classe trabalhadora.

A questão de como organizar a classe é tão importante como a de organizar a categoria. Somente uma estrutura consciente, de base, fará avançar as táticas e estratégias de luta.

Gritar contra "pelegos" e pela transformação sin-

dical é pouco. O problema fundamental é que toda a estrutura sindical vigente é máquina burocrática, ditatorial, fascista, cuja função é estrangular o trabalhador e atuar pela intervenção do Estado, como linha auxiliar do Capital contra o Trabalho. A experiência recente de luta dos trabalhadores demonstrou que a atual organização dos sindicatos é o grande entrave à organização de classe.

Por outro ângulo Governo, "pelegos" e grupos iluminados que se autoproclamam "vanguarda esclarecida da classe operária" vêm manobrando para frear o movimento de base dos trabalhadores, conchavando "pactos sociais", que são verdadeiras transfusões de sangue no faquirizado capitalismo verde-amarelo.

Produto sujo, acabado dessa tramóia é a tal de Unidade Sindical, tentativa de construção de central sindical "pelega", apoiada na forma autoritária e burocrática do sindicalismo oficial, dirigido pelo famoso Joaquim dos Santos Andrade, metalúrgico de São Paulo, lambe-botas dos patrões e lacal do Estado.

Na perspectiva de acabar com essa suprema safadeza, está sendo convocado o 1º Encontro Nacional de Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical a ser realizado nos dias 16 e 17 de agosto próximos. Ele está sendo precedido de Encontros Regionais onde se tiram teses e delegados para o Encontro Nacional. A Comissão Organizadora é extremamente democrática e todos que desejarem participar deverão encaminhar suas teses a ela para distribuição aos interessados. O convite se estende a sindicatos, oposições sindicais, associações de trabalhadores e grupos de ofícios, sem outra apresentação.

TEMPO QUENTE EM SÃO PAULO

O Encontro Regional de São Paulo efetuou-se no dia 14 de junho e, apesar dos esforços foi uma "zona". Os esquemas de comunicação tiveram falhas. Muitas categorias participantes foram avisadas em clima da hora. Além do mais, um pouco de sectarismo impediu que o bom senso predominasse. Paixões políticas, "desbunde" dos "Libélus" da Comissão Nacional por Entidades Livres e Intransigência de setores ligados à Igreja, quase deixam a felijoadá queimar.

O "pau quebrou" na primeira plenária. Choque das posições dos que queriam um Encontro deliberativo, e portanto definitivo; e os que pediam a realização de um 2º Encontro. Delegações inconformadas se retiraram e a questão ficou pendente.

Após discussão em comissão, voltou-se novamente a plenária para encerramento do Encontro. Outra vez o "pau comeu". Posta em votação, a proposta de um 2º Encontro foi derrotada, fazendo com que algumas delegações se retirassem.

As 20,30h com o tempo se esgotando não se tinha as teses nem os delegados haviam sido recolhidos. Uma semana após, no dia 22, em reunião ampla, setores intransigentes voltaram atrás, abrindo possibilidades a outro Encontro Regional.

Concluindo, apesar do "cacete", valeu a pena. A realização de novas discussões permitirá um maior aprofundamento político das teses a serem debatidas e um Encontro Nacional de maior nível, dado o grande peso específico dos trabalhadores de São Paulo nas lutas operárias do momento.

a) Coletivo Libertário de Oposição Sindical.

A situação do operariado brasileiro é dramática. Somos 122 milhões de Brasileiros tal como no Império Romano, onde o povo era obrigado a se degladiar nas arenas, 40 milhões de brasileiros são obrigados a se enfrentarem sob os olhos dos poderosos, formando o que é conhecido por população economicamente ativa (PEA). Como se não bastasse a hierarquia entre senhores e escravos, foi imposta a hierarquia entre os escravos; desta maneira 17 milhões recebem até um salário mínimo e destes 17 milhões, 5 milhões, 5 milhões não recebem nada e todos executam uma mesma função: dar a vida pelo senhor capital.

Não devemos nos contentar apenas tais números oficiais. Trabalhar apenas com os "agregados nacionais", com os "grandes números" utilizando-se da parafernália da estatística e da macroeconomia Keynesiana é próprio da ciência burguesa representada por um exercício de ministros, secretários, assessores, etc. que estudam a Economia como uma ciência neutra e que devido a isto a isolam seu estudo das outras ciências tais como a Sociologia, a História, etc. Com tal tipo de pensamento o trabalhador perde sua essência humana e é transformado em um tipo especial de máquina que possui a seguinte vantagem: não precisa ser adquirida e só requer os gastos com a manutenção (o salário).

A situação do trabalhador é agravada quando examinamos alguns de seus segmentos. A mulher para fazer exatamente o mesmo trabalho do homem, recebe em média 57% a menos que este. Sua participação na PEA passou de 14% em 1950 para 25% em 1979 e continua a crescer, visto que após o "milagre brasileiro" o número de carteiras de trabalho expedidas para mulheres foi sempre maior do que para os homens. Das 10 milhões de mulheres na PEA, 7 milhões recebem até um salário mínimo e 1,8 milhões destas, não recebem nada. É o capital procurando máquinas mais econômicas. A mulher é marginalizada no meio operário ao ser obrigada a ocupar os cargos inferiores pois há uma mulher para cada três homens em atividades não-especializadas, uma para cada seis em atividade de nível médio e apenas uma para 19 homens em profissões de nível superior. "A mulher não deve mandar e sim obedecer" é o que pensa o sistema capitalista pelo que se pode deduzir ao encontrarmos apenas 0,5% de mulheres contra 99,5% de homens em nível de gerência e isso em São Paulo, cidade tida como a mais avançada socialmente.

Não obstante, a situação do menor é ainda pior. Cerca de 20% das crianças com idade entre 10 e 14 anos e 57% entre 15 e 19 anos exercem atividades remuneradas no Brasil. Recebendo 1/2 ou 2/3 do salário mínimo regional, abandonando as escolas, que em muitas regiões lhes garantem a alimentação, são obrigados a tentar ajudar os pais, buscando aquilo que as escolas não podem lhes oferecer.

Os corpos esqueléticos são tratados nas fábricas não como aprendiz, como rege a legislação, mas sim como operário e operário que por ser do tipo mais barato pode ser explorado segundo a ganância dos patrões, ganância esta que chega ao ponto de não concederem os parcos direitos da previdência social. É relativamente difícil encontrarmos um menor registrado e assim fazendo juízo a receber os direitos concedidos por quem foi "pai dos pobres" e "mãe dos ricos". Tal fato é agravado nas zonas rurais, onde 40% dos menores trabalham. Mas esse menor um dia envelhece e quando consegue sobreviver, se transforma em "boias-frias". Destes apenas 100 mil têm emprego permanente e somente 20% dos homens e 5% das mulheres têm registro em carteira e por emprego devemos entender até o papel de espantinho, onde o trabalhador teria assegurada a sobrevivência sob a condição de percorrer as plantações batendo em latas durante todo o dia, a fim de espantar as aves. A situação em que vive o menor é eternizada. De uma posição hierarquicamente inferior no mercado de trabalho, o menor superexplorado pelo capital não consegue esboçar uma reação, pois na primeira manifestação é condenado a morrer de fome. O capital impõe obediência e a exige. A vida do menor é ser eternamente espantinho para o capital e para o Estado.

O governo através de seus arautos nos fornece várias justificativas para tal situação. O pessimista Malthus é ressuscitado e seu espírito "baixa" no "terreiro" chamado Brasil. Afirmam eles que a fome é consequência da explosão populacional e que a população cresce mais rapidamente que a quantidade de alimentos disponíveis e que, portanto, a solução seria o uso de anticoncepcionais. Misturando Malthus com Gunnar Myrdal e seu "ciclo vicioso" o processo não tem saída para eles: o pobre é pobre devido à baixa produção e continuará pobre a não ser que morra de fome, quando terá a riqueza do reino celeste.

O QUE DÁ LUCRO

Os defensores da doutrina da fome "esquecem" de comprovar tal teoria. Segundo o Ministério do Planejamento, a agricultura cresceu 5,2% ao ano nos últimos anos, quase o dobro do aumento populacional que é de 2,7%. A fome é decorrência do sistema capitalista que produz o que propiciar mais lucro e não o que é necessário. O esforço produtivo na agricultura foi para com os produtos exportáveis como a soja e outros produtos que por coincidência não são utilizados como alimento humano ou simplesmente não possuem nenhum poder alimentício, como é o caso do café. Existe um ditado que diz: "dois braços produzem mais do que uma boca come" e não devemos esquecer que o Brasil não utiliza as conquistas da "revolução verde" em suas culturas alimentícias. Em 1946 na França, um agricultor alimentava cinco pessoas, atualmente no Brasil um agricultor alimenta quatro e na França encontramos um agricultor alimentando 26 pessoas. O Brasil só utiliza as modernas técnicas agrícolas nos setores exportáveis. As causas disso são complexas e não caberiam no presente estudo, por isso serão apresentadas em outro trabalho. Posso apenas adiantar que as razões devem ser procuradas no imperialismo, seja ele de esquerda ou de direita, que procura a manutenção das posições relativas dos países no contexto mundial e não só assegurar como também ampliar o grau de capitalização nos países chamados de centrais, desenvolvidos, etc. (conforme a linha do autor estudado) e no sistema capitalista brasileiro que destina o pequeno agricultor, responsável pela maioria da produção alimentícia, a ocupar a "fronteira agrícola" que em poucas palavras são regiões onde se transforma o sertão em áreas agrícolas e onde o

# Alienação e trabalho no Brasil

Geraldo de Barros Montelo Filho  
— São Paulo —

pequeno agricultor faz todo o serviço de abertura, instalação da infra-estrutura para depois "entregar" tudo ao grande agricultor para que este transforme as culturas alimentícias em outras mais rentáveis e tudo isto devido às manipulações que sofrem a comercialização, o financiamento e estocagem dos pequenos agricultores por parte dos grandes fazendeiros e outros aproveitadores com a conivência do governo.

Mas mesmo com estes problemas, segundo o Ministério do Planejamento, a agricultura cresceu 5,2% ao ano nos últimos anos, quase o dobro do aumento populacional que é de 2,7%. Nos demais setores encontramos o mesmo quadro. Se examinarmos o crescimento do PIB durante o período de 1961 a 1978 verificaremos que ele cresceu em média 7,5% ao ano contra 6,5% ao ano durante a década de 1950/1960, década esta não tão marcada pela presença militar. Todos os indicadores econômicos cresceram bem mais que o aumento da população. Se fizermos um cálculo verificaremos que com estas taxas de crescimento, de 1950 até 1978 a

Nelson Serathiuk (Lausanne, Suíça)



produção foi aumentada 7,83 e que durante este período a população aumentou cerca de 2,3 vezes, o que nos permite afirmar que existe atualmente 3,4 vezes mais produção por habitante e que a população como um todo poderia ter 3,4 vezes mais alimentos, moradias, etc. do que em 1950 e isto para cada um de nós, para que tivéssemos o mesmo perfil de renda e consumo de 1950. É evidente que isto não ocorreu, fato até mesmo demonstrável pelos falhos índices de renda per capita.

Mas o governo ainda possui para justificar seus atos outros acaelas: o "científico" grupo pós-keynesiano. Utilizando-se da "curva de Phillips" procuram calcular quanto que o nível de desemprego poderá moderar ou eliminar o gradativo aumento de preços. Comentando tal "curva de Phillips" o idolatrado Prêmio Nobel Samuelson afirma que a sociedade tem um dilema para resolver: "Nível de emprego razoavelmente elevado, com crescimento máximo, e lenta elevação dos preços" ou "preços razoavelmente estáveis com desemprego considerável". O governo brasileiro diz que sua meta é coibir a inflação e suas consequências sobre a classe mais marginalizada, pois qualquer livro de Economia diz que a inflação não é neutra e paradoxalmente utiliza a estratégia de coibir a inflação através do desemprego, ou seja, os menos privilegiados é que pagarão mais caro. De uma posição em que era responsável pela baixa produção, o trabalhador agora também é responsabilizado pela inflação.

No Brasil os "donos da verdade" tornaram-se "donos do poder" e com um poder tão grande que até mesmo acreditam poder controlar o clima pois não só já estipularam em janeiro qual vai ser o desempenho da economia durante todo o ano como também já previram todos os fenômenos climáticos deste ano como se deduz de um discurso do atual presidente do Banco Central. O poder do Estado é tão grande que transforma (pelo menos pretende) o aleatória em não aleatório. A correção monetária foi prefixada em 45%, os meios de pagamento (moeda em poder do público mais os depósitos à vista no Banco do Brasil e demais bancos comerciais) terão uma expansão de 50%, a variação cambial foi estabelecida em 40% o que nos demonstra que tais "cérebros privilegiados" além de dominar a economia brasileira, acreditam também dominar a economia americana. O poder estatal além de execrável é também enlouquecedor.

Com todos estes números o governo diz que pretende um crescimento do PIB em torno de 6 a 7%. Numa conferência o Ministro do Trabalho nos disse que o Brasil precisa crescer 6,5% para que a

economia crie 1,5 milhão de novos empregos anuais. Noutra conferência ele mesmo nos diz que o Brasil precisa criar 1,3 milhão de empregos anuais até 1985 e que além desses é necessário a criação de outros 500 mil empregos anuais para "integrar regularmente os subempregados e dedicados ao trabalho chamado semimarginal". O mesmo porta-voz oficial em suas contradições nos está dizendo que mesmo que o Brasil cresça 6,5% ao ano nós teremos em cada ano, mais 300 mil novos subempregos ou "semimarginais". Mas a realidade é pior do que aquela apresentada pelo ministro. Como tais metas prefixadas, é e matematicamente impossível obtermos uma elevação do PIB em torno de 6 a 7%. Uma expansão monetária de 50% com uma promessa de inflação de 45% é equivalente a uma expansão monetária real de apenas 3,45%, se o multiplicador bancário não se elevar. Em razão da atual restrição de crédito é até mesmo esperável uma redução do multiplicador bancário. O poder estatal além de ser execrável e louco é também mentiroso.

QUATRO PROPRIEDADES

Segundo o ministro do planejamento são quatro as prioridades brasileiras: "um déficit espantoso do setor público, uma grande escassez de alimentos, um certo desconforto na política salarial e o aumento dos preços externos do petróleo" ou seja, a melhoria da distribuição da renda e da riqueza não é considerada como prioridade e sobre o "desconforto na política salarial" devemos ter em mente que o mesmo ministro disse que durante um curto período de tempo os salários serão ajustados do nível de preços e que depois a inflação e os salários, segundo ele mesmo, deverão crescer "em paz". Será que entre 1964 e 1974 os salários e os preços progrediram "em paz"? É evidente que não. Sobre o déficit do setor público é interessante notar que até mesmo o governo atesta a imbecilidade de sua administração. Sobre a fome já comentamos e sobre o preço do petróleo só comentaremos que se trata da procura de um bode expiatório, pois pagamos mais em juros, direitos, patentes e importações supérfluas e para as empresas estatais e multinacionais aqui instaladas do que em petróleo.

O Estado brasileiro sempre teve como objetivo massacrar economicamente a maioria da nação para que a minoria, os empresários e intermediários financeiros, tenha facilidades a acumulação de capital. É devido a isso que ao governo é interessante manter os trabalhadores afastados do centro de decisão e do conhecimento das razões da absurda existência que têm.

O trabalhador não deve jamais confiar no Estado. Não importa qual a roupagem ou colorido dos Estados, eles sempre serão favoráveis a uma minoria em detrimento da grande maioria.

Não se deve esperar nada de uma organização burocrática, pois a burocracia tem todos os poderes menos o de alterar ou modificar alguma coisa e muitas coisas necessitam ser alteradas no Brasil e no mundo. O povo trabalhador como um todo necessita conhecer as causas de sua alienação e resolver por si mesmo, sem a ajuda de intermediários, seus problemas. É o povo que sofre as consequências da alienação e não os que os consideram seus portavozes e intermediários e que se aproveitam da passividade da massa trabalhadora para arquitetar o próprio poder futuro.

P. S.: todos os dados são oficiais e foram publicados nos jornais "Diários do Comércio e Indústria" e "Folha de São Paulo" de diversos dias.

MATÉRIA ALIM. A TERRA ANTES QUE ELA MORRA CONT. DA PAG. 8

Que tudo isso seja dirigido pelos próprios trabalhadores. Que eles levem sua produção diretamente aos consumidores, sem a participação de intermediários, seja de grupos parasitários particulares ou do Estado, que é ainda mais perverso. Só devem existir dois pólos: produtores conscientes e consumidores conscientes. Creio que os trabalhadores terão visão e saberão harmonizar sablamente essas terras agora em suas mãos e dali retirar uma lavoura de subsistência diversificada, como o arroz, o milho, o trigo, o feijão, a mandioca etc.

Para concluir, faço de público uma advertência aos meus patrícios para os perigos a que eles estão expostos no que se refere ao uso dos alimentos de monoculturas, com índice de poluição e adição de venenos sob o pretexto da preservação. Assim como quanto ao perverso sistema de adicionar açúcar branco às frutas. A mistura de açúcar nestes alimentos leva a um choque de elementos químicos, que jamais se combinam, fazendo com que nossa saúde sofra sérios danos.

Se tens boa saúde podes usar todos os doces naturais, com moderação. Mas recusa a usar estes doces antinaturais, terrivelmente cancerígenos, causadores de tantas dores humanas, com prejuízos físicos e mentais.

VELHO RIO

- Velho Rio
- Noites a Fio
- Vedete Dançante, Mulheres Amantes
- De Violões e Injustiças
- De Patrões e De Cobiças
- Velho Rio
- Tempo de Estio
- Verdade Indecente, Certeza nas Frentes
- De Neuroses e Catarates
- De Atroses e Cartases
- Velho Rio, Sempre Um Mar...
- De Maravilhosa Lama.

Nelson Maia Schocair

# O 5º CONGRESSO DA CNT E A CRISE DO ANARQUISMO

JUAN GOMEZ CASAS foi secretário do Comitê Nacional da CNT e nós, do jornal O INIMIGO DO REI, reconhecemos o valor de sua atuação como militante da organização. No entanto, não podemos, daqui do Brasil, tomarmos posição a respeito dos conflitos na CNT. É para nós um prazer divulgar o pensamento de GOMEZ CASAS, como será um prazer ouvir outras pessoas, de qualquer lado, envolvidas na questão.

Li no número 10 do Inimigo do Rei, um trabalho que leva o mesmo título com que começo este escrito. Fazem uns dias fiz para o jornal "CNT", de Madrid, uma tradução de um informe dos delegados da FAF (Federação Anarquista Francesa) ao V Congresso da CNT, efetuado em dezembro passado em Madrid, que levou o título: A Internacional da colúnia e sua seção francesa.

Parece que a partir do V Congresso, determinadas informações originadas a partir de certos periódicos começaram a expandir-se por publicações libertárias da Europa e América, onde se apresenta o panorama de uma CNT autoritária e dogmática que havia dado precisamente no seu V Congresso a mostra mais acabada de **manobras, politicagens e agressões** (Inimigo, p. 8).

Fazem quatro meses temos assistido a mais mentiras, calúnias, tergiversações, ilgelezes e irresponsabilidades que em toda a história da CNT desde 1910. Toquei neste tema em vários artigos, que envio ao Inimigo, junto com essas linhas. Disse nesses artigos algo que sabem todos os que assistiram ao congresso — não me refiro aos que agora repetem mimeticamente — que o curso do Congresso, por suas tensões, não tenha dado satisfação completa aos companheiros; e não só pelas suas tensões, se não porque a experiência demonstrou, à nossa revelia, que era impossível levar a cabo normalmente um congresso com um temário tão carregado e dispor de tempo necessário para o exame suficiente de todos os pontos.

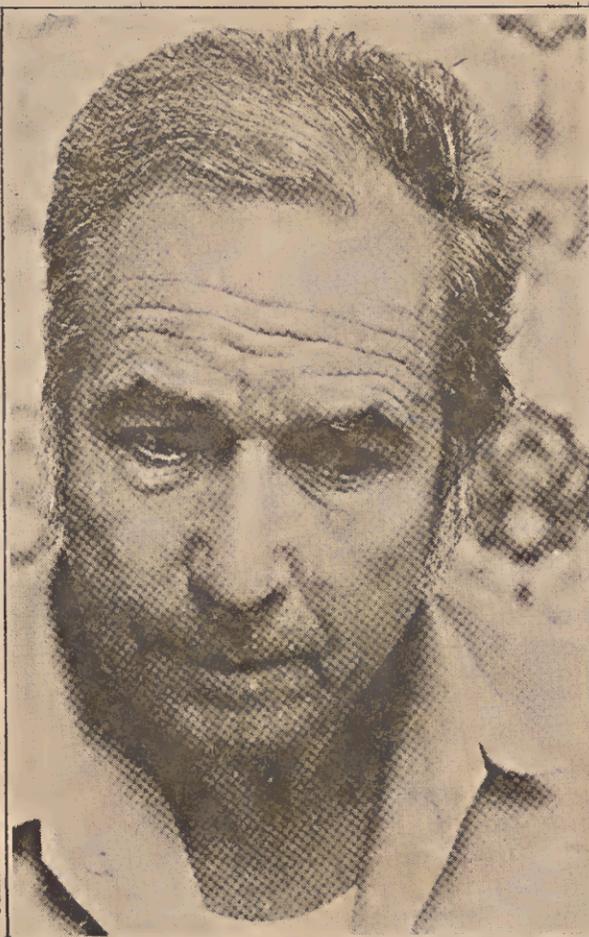
Entretanto, afirmo algo importante para começar: **os acordos não firmados refletem a postura majoritária da imensa maioria dos sindicatos representados.** Todos os "informantes" esquecem que na roda de delegações que se discutiu sobre o 5º ponto: **PRINCÍPIOS, TÁTICAS E FINALIDADES**, se deu praticamente por unanimidade a **ratificação** deste ponto e o que fazer histórico da CNT desde sua fundação. Isto tem que se considerar como o **fato/chave** do Congresso. Logo, sobre o conceito **ratificação** se faria o desenvolvimento teórico-prático da exposição do 5º ponto. Este ponto essencial influiria, em verdade, no resto dos pontos da ordem do dia, posto que da teorização preliminar a CNT extrai suas práticas para aplicações concretas a realizarem-se em todos os terrenos. Os companheiros do Inimigo devem ter em conta que nos congressos da CNT os acordos se firmam sempre por maioria se não existir unanimidade nos pontos concretos ou se os critérios não podem limitar-se ao que foi exposto. Neste caso, sempre se respeitou, por parte dos companheiros ou setores minoritários, a decisão da maioria, posto que sem isto não pode existir uma pauta orgânica geral nem tampouco a menor possibilidade de organização. Isto já ocorreu nos congressos de 1911, 1919, 1931 e 1936. Os sindicatos ou setores minoritários tiveram sempre a liberdade e o direito de manter suas posturas contrárias se as consideravam válidas e se demonstra com o caso das federações da Indústria, que, rechaçadas em 1919, foram aceitas em 1931, porque neste Interim, havia mudado ao sabor das circunstâncias, a opinião majoritária da CNT.

É certo como já disse, que as tensões e a metodologia deficientes do Congresso fez com que fosse impossível determo-nos em cada ponto como teria sido desejado.

Vejam, os companheiros do Inimigo, algumas das causas dessa deficiência de método:

Alguns dos delegados que se queixaram de falta de liberdade para expressar-se e que logo abandonaram o congresso, 53 ao todo, na seção do dia 14, não compreenderam que o congresso da CNT não era uma **Assembleia Geral** ou **Fórum de Debates**, logo que os delegados não iam ao congresso para convencer-se uns aos outros, senão para levar os acordos feitos, confiados pelos sindicatos. O debate em assembleia, amplo e profundo, se realizou ou devia se realizar previamente em uma assembleia geral de cada um dos sindicatos do país: cerca de uns 400. Tratava-se no congresso de resumir em exposições os acordos gerais, para serem apresentados para sua aprovação no Congresso. E a aprovação, dado aos critérios diversos, só podia dar-se pela votação que, por sua vez, de maneira in-

JUAN GOMEZ CASAS



Juan Gomez Casas, militante da CNT ("História Libertária", revista).

dubitável, refletiam, em cada ponto, o sentir majoritário da organização. E aqui está a essência da questão:

A partir da ratificação dos princípios, táticas e finalidades efetuadas no 5º ponto, quero dizer, no terceiro dia do Congresso, determinados delegados sabem que o Congresso não vai sair na direção desejada por eles. A partir desse momento se preparam para boicotá-lo. Outro destoante, paralelo ao anterior, é a desautorização levada a cabo pelo Congresso da atuação do **Comitê Nacional**, ao que se acusa de numerosas saídas de suas atribuições, o que numa organização anarco-sindicalista não pode ocorrer. Dois ou três dias antes da abertura do Congresso, o Comitê Nacional fala em declarações à imprensa da CNT "renovada" e expõe critérios pessoais quando se sabe que é o Congresso quem tem que definir o futuro da organização.

Pois bem, é contraditório: tenho dito em diversas publicações: quando sobrevém a desautorização, uma parte do Comitê Nacional põe-se à frente dos discordantes e se prepara para abandonar o Congresso e à cisão posterior da CNT. Assim de imediato. Quem são os companheiros discordantes? Delegados de Aragón, Santander e Canárias. Os das duas primeiras regiões defendem dentro da CNT o conceito de organização global, ou Integral, que colide com o conceito de organização-sindicato revolucionário quero dizer — anarco-sindicalista, que é a CNT. Os membros do Comitê Nacional desautorizado, fizeram previamente essas declarações referidas à CNT renovada, que tampouco se encaixa dentro da pauta traçada pela imensa maioria no Congresso.

Porque, em realidade não se sabe que coisa é a CNT renovada, sobretudo, se se tem em conta que a organização se tem renovada de congresso a congresso, coisa comprovável pelo estudo comparado de seus temários. Se a renovação era interpretada no sentido de concessões ao meio, no sentido de transações, como entendem a transação os elementos possibilistas, então, está claro, a CNT não poderia aceitar sem deixar de perder sua essência; o conceito de "renovada" significaria a aceitação, em verdade, de velhos valores pela organização, já vistos e gastos.

Os companheiros discordantes estiveram em todas as exposições do Congresso e em todas as mesas que presidiram as sessões. Nas exposições constituíram, em geral, um entrave para o trabalho construtivo e o obstruíram sistematicamente. Quando viram que o Congresso havia decidido, por enorme maioria, os acordos da or-

ganização, então começaram a reunir-se à margem das sessões para preparar sua decisão explosiva no dia 14, quinta-feira, quando apresentaram ao Congresso um ultimatum. Exigiram que o Congresso levantasse, naquela hora, suas sessões para ser continuado em abril. O Congresso não aceita, e os 53 delegados que operam a título pessoal e que dizem operar em nome do antiautoritarismo, retiram-se uma vez que **não conseguiram impor** seu critério minoritário. Não é isso autoritarismo?

Estes amigos, que desde o próprio Congresso saem com uma Comissão Impugnadora que se nomeia a si mesmo e declaram guerra ao Congresso em nome da liberdade contra o autoritarismo, colocam a CNT ante toda uma série de fatos consumados autoritários. Se reúnem em Victoria, Barcelona e Zaragoza para consumir a impugnação. Assumem, estes amigos, toda a representação orgânica, eles são o CNT e se preocupam em romper, em Barcelona, os pontos orgânicos, de modo que o racha seja irreversível. Havia um canal de acordo para sustar as impugnações, mas um grupo reduzido de pessoas que têm dirigido "libertariamente" estas operações, sabem que não podem voltar à CNT e dão passos desesperados.

Neste período se servem da imprensa burguesa que assiste satisfeita o espetáculo, para divulgar uma série de mentiras e tergiversações como nunca se havia visto em toda história da CNT.

Pretendem ser 85% da mesma. São uma minoria que não pôde fazer prevalecer suas idéias no V Congresso e que toma então a grave responsabilidade histórica de uma separação, que de qualquer modo nos prejudica diante dos trabalhadores espanhóis.

Aqui devo responder a algumas acusações que me fazem:

Diz o Inimigo que Gomez Casas afirma que os únicos donos do Movimento Libertário são os anarquistas e a CNT. Eu jamais disse isto. O Movimento Libertário não tem donos. Os anarquistas e a CNT são uma parte do Movimento Libertário, como foi dito no V Congresso. E, aliás, todos os aspectos especializados e complementares desse mesmo movimento libertário: ecologistas, ateneus libertários, antimilitaristas. A CNT tem como função "específica" levar ao mundo das relações do trabalho (ao mundo do trabalho) as idéias-forças do Anarquismo e pode e deve trabalhar unida como s demais setores do Movimento Libertário como se complementar com ele, dentro do respeito à autonomia de cada grupo. E quanto às novas "correntes libertárias" (como, por exemplo, autonomistas, conselhistas, situacionistas, marxistas libertários) como disse o Inimigo do Rei, pode ser que as duas primeiras tendências o seja, mas o certo é que elas evitam cuidadosamente definir-se, como tal, guardando uma zelosa distância de tudo o que é tradição histórica da teoria e prática anárquica: (veja-se as obras de Castoriadis, Panekok etc.).

Se trataria de tendências libertárias que elas mesmas se negariam a reconhecer-se como tais. Voltadas, como estão de costas aos antecedentes históricos, o libertário nasceu com a autonomia operária e o conselhismo, sendo estranho a tudo que for anterior ao momento de seu nascimento. Por outro lado, os grupos de autonomia operária e os conselhistas são anti-sindicalistas. Por esta razão **chocam frontalmente com o conceito que tem a CNT da organização operária.** Frente à idéia da CNT como organização anarco-sindicalista, eles defendem a idéia de conselho e uma difusa estratégia de assembleias que se manifesta incompatível com a idéia de sindicato. Aqui nos passados quatro anos, os brotos conselhistas dentro da CNT têm sido um fermento de desagregação da organização. Pela sua parte, os autonomistas, marxistas, libertários, grupos de afinidade "anarco-sindicalistas", têm sido, em realidade, infiltrações que num momento determinado têm calado profundamente dentro da CNT, mas como corpos estranhos.

Fala o companheiro Cláudio Miranda dos expurgos levados a cabo de elementos desses setores, significando como atos autoritários ou dogmáticos dos anarquistas. Mas os grupos de afinidade anarco-sindicalistas, os chamados "paralelos", eram, em verdade, grupos marxistas que falavam em seus documentos da necessidade de desenvolver a "luta de classe" dentro da CNT. E isto pode ver o companheiro Cláudio no documento que junto a esta carta (rogaria à redação do Inimigo que este documento se publicasse no jornal para esclarecimento dos leitores). Como se vê no documento, a CNT é considerada somente como um meio entre outros meios possíveis. Dizem eles: se a CNT não se mostra propícia como campo de experimentação, então deveria se romper pela esquerda todas as organizações e ir para criação de outra mais adaptável ao fim dos paralelos (chamados assim porque chegaram a criar uma estrutura paralela à da CNT).

Então, diante dessas condições que devem fazer os militantes anarco-sindicalistas para não parecerem au-

toritários? Temos que deixar que façam explodir a organização de dentro para fora? Temos de deixar que a convertam num organismo coletivo dirigido por uma elite política? Temos que deixar que nos mantenham paralisados com toda uma série de provocações e sabotagens que têm sucedido ininterruptamente nesses quatro anos? Quando reagimos para defender a **Identidade da CNT** (confirmada clamorosamente no V Congresso) nos acusam de autoritários e dogmáticos.

Quanto ao grupo **Askatasuna**, também tentou utilizar a CNT para seus próprios fins. O grupo **Askatasuna**, que nas últimas eleições gerais fez propaganda política em favor de **Henri Batasuna**, um grupo nacionalista basco próximo ao ETA. Os leitores podem fazer uma idéia lendo o livro de M. Orrandia: "**Por uma Alternativa Libertária**".

Defende-se aqui (**Askatasuna**) três níveis organizativos. Primeiro um nível de assembleias um tanto difuso. Segundo nível, é mais organizado, já a nível sindical (que poderia ser a CNT ou outra organização sindical qualquer), e em terceiro, é o grupo vanguardista, politicamente preparado para dirigir a luta em seus períodos tanto de avanço como de retrocesso. Com este programa não poderiam estar a não ser juntos com **Henri Batasuna**.

Logo a infiltração marxista foi um fato.

O próprio **Sebastião Puigcever** não esconde sua inclinação marxista.

Sendo secretário de organização do Comitê Nacional de Marcos, foi ele quem organizou, desde a sua secretaria, os grupos de afinidade "anarco-sindicalistas" e quem redigiu o documento político cuja publicação rogamos que o **Inimigo** o faça, no que põe em relevo sua aceitação da idéia da direção política dentro da CNT, no que se reflete claramente a necessidade de uma função dirigente que só pode derivar do Leninismo.

Os fatos consumados e a saída dos seus limites que ocorreram com o Comitê Nacional no Congresso pode ter-se originado neste homem. Se, como parece, **Cláudio Miranda** é leitor de **Bicicleta**, não deixou de ler as declarações de **Juanjo Fernandez** e **Santi Soler**, elementos marxistas pertencentes aos grupos de afinidade "anarco-sindicalistas" nas quais cantam a morte inevitável da CNT com epítafios de Marx e K. Liebknecht. Estes amigos se vangloriam de ser marxistas e coisa semelhante o faz **Puigcever**. Têm todo o direito de o fazerem, mas não de tentar solapar a CNT e de utilizar a insidia quando os militantes da mesma considerarem que há que por-se um fim às experiências marxistas dentro da organização. Não sei se é por isso que alguns companheiros citados por **Cláudio Miranda**, falam de "anarquismo autoritário". Como falam **Riaño Vargas** e **José Luis Moreno "Viejo Topo"**, publicação onde, como outras que omitiremos os nomes a CNT.

**Riaño**, que esteve algum tempo no Sindicato de Artes Gráficas da CNT de Madrid é um marxista responsável por diversas campanhas sistemáticas realizadas contra a CNT.

Participou na redação de **História Libertária** um mês ou dois e abandonou a mesma quando viu que não podia mandar na publicação, momento em que também deu baixa na CNT. Empregou no Sindicato de Artes Gráficas de Madrid. A tática de sola para a organização que os comunistas de Comisiones Obreras recomendam a seus afiliados e aderentes num recente documento que foi dado a conhecer na Espanha e temos em nosso poder. Um mês que estava na CNT é já estava sugerindo modificações radicais, em companhia de outro periodista de origem estrangeira o que propagava o marxismo no sindicato ao mesmo tempo que falava da atividade maquinadora da FAI dentro da CNT. Atividade típica marxista conhecida, que consiste em lançar cortinas de fumaça para dissimular sua ação dentro das organizações que infiltram.

Finalmente o companheiro **Cláudio Miranda** vai perdoar-me a seguinte conclusão: marxismo e anarquismo são incompatíveis porque representam duas versões diferentes do Socialismo: a autoritária e a antiautoritária. Isto tem que ser dito inclusive em presença dos escritos filosóficos do jovem Marx. A filosofia política do marxismo é primitiva e ancestral porque se baseia no pragmatismo da função dirigente. Ou não? E o Anarquismo e o Anarco-sindicalismo supõe uma ruptura total com o contexto autoritário da história. Não pode haver um híbrido composto pela liberdade-autoridade. Qualquer mistura nesse sentido é um passo atrás que conduz ao desvio autoritário do movimento e à destruição do mesmo.

Para a história real, Marx não é o jornalista da "**Reinische Zeitung**", nem o discípulo de Proudhon em matéria de Socialismo, durante sua estadia em Paris, nem o Marx jovem, senão apenas o estrategista que desde o Conselho Geral da Internacional aplica já uma função dirigente que não é outra coisa que uma consequência de sua visão autoritária do mundo e da história e que logo se transubstancia no centralismo democrático de todos os partidos comunistas e leninistas do nosso tempo. E aqui deixamos de lado o materialismo histórico e o materialismo dialético porque não temos espaço para tratar do tema nem tampouco é o momento oportuno de fazê-lo.

Em realidade os marxistas não podem ser libertários. É uma contradição nos termos. Quando em casos de clara heterodoxia, determinados autores ou personagens em sua curva evolutiva, sempre crítica, começam a anarquizar, então já, ainda que não o saibam, começam a deixar de ser marxistas. E outra coisa: não devemos trabalhar pelo Anarquismo com a pretensão de estar em posse da verdade universal, como disse no **Inimigo**, mas temos pleno direito de defender a verdade intrínseca na própria essência do Anarquismo e rechaçar de pronto as provocações de que somos objeto, por mais sutis que sejam.

Por outra parte gostaria de tocar noutro momento no tema da universalidade relativa de marxismo e Anarquismo.

**Companheiros do Inimigo do Rei: saudações anárquicas para todos os amigos do Brasil.**

# A PARALELA

Oferecemos abaixo o documento político dos chamados Grupos de Afinidade Anarco-sindicalista, para uma melhor compreensão, por todos os companheiros, dos problemas suscitados na CNT e que não partem do seu V Congresso, senão da formação no seu seio de grupos marxistas: **Movimento Comunista Libertário, Liberação, Autonomia Operária, GOA e conselhistas** já nos princípios, quando a CNT saiu para luz, o que explica os insultos e furibundos ataques que recebe a FAI, por parte deles. Para completar o quadro — superficialmente, pois não queremos influenciar com nossos argumentos —, o que compõe a atual Paralela (também renovados) é o apelo tático e por hoje incondicional dos "coincopuntistas" e verticalistas, sem dúvida unidos no afã de desacreditar a CNT. De qualquer maneira estamos convencidos de que o que hoje ocorre é somente o avanço de acontecimentos que explicarão melhor a atual situação. Nos próximos números seguiremos oferecendo outros documentos por eles elaborados.

11 — A execução de **Carrero Blanco** marca o desencadear de uma crise no aparato do Estado Franquista, crise que se acelera após a morte do general Franco e que tem seu fundamento na INCAPACIDADE POLÍTICA da burguesia para resolver aceleradamente suas contradições internas e conseguir um reajuste no interior do aparato do Estado. A nova realidade econômica do Estado (que já aponta até uma crise) exige o início de um processo de democratização enquanto a burguesia se encontra neste momento desorganizada, politicamente como classe, não tem seus próprios partidos e se mostra incapaz de construí-los (fracasso das sucessivas leis de associações, ruptura dos Garrigues, etc., etc., etc e aproximação de um setor da burguesia à chamada "oposição democrática").

2 — Paralelamente, a criação da **Coordenação Democrática** (ou **Platajunta** marca o intento de "reconciliação nacional" do PCE, PSOE e grupos acólitos (MCE, PTE, ORT, etcétera) de conseguir uma transição pacífica que não rompa o aparato de Estado. E isto no momento em que a luta de classe se encontra no auge, de crescente mobilização.

Mas essa mobilização carece de uma direção que a **Platajunta** (único organismo então junto a CC. OO. com possibilidades de oferecer uma direção real). Não quer dar e termina por servir aos objetivos da burguesia. Assim a **Platajunta** dá entrada então aos grupúsculos da burguesia servindo-lhes de plataforma e acaba por renunciar a todo projeto para servir fielmente os projetos do Capital (de ruptura democrática passa a ruptura pactual, de ruptura pactual a reforma pactual, de reforma pactual a reforma Suárez, que acaba impondo suas condições e convertendo-se na "imagem" da democratização e na saída da política burguesa).

3 — Assim, de concessão em concessão, se chega a perder a iniciativa política por parte do M. O. e garantir a dominação do capital, que pouco a pouco vai se convertendo em dono e senhor do processo. Assim, a aceitação da monarquia (que leva à recomposição do aparato do Estado), o papel do Exército, a divisão sindical, as eleições sindicais, as pré-autonomias (que seguirão sendo pré até que o Capital possa garantir sua vitória numa eleição autônoma), a Constituição e sobretudo, o Pacto da Moncloa, são aspectos desse processo.

4 — Nesta situação, o **Movimento Operário** atravessa uma crise que se manifesta numa série de estalidos esparsos (Cádiz, Elda, etc.) e na crise de suas organizações tradicionais (desde o PCE até à CNT).

5 — Entretanto, a saída desta crise não pode consistir unicamente na ruptura dessas organizações, enquanto refletem uma situação real de todo o movimento. Um processo deste tipo conduziria rapidamente a grupuscalização e a agrupamentos instáveis, às explosões globalizadas e carentes de um conteúdo global e portanto, incapazes de situar objetivos claros e definidos.

Situações que inclusive, podem conduzir à derrota e ao retrocesso (Caso Vitória).

6 — Esta organização, que pode responder às necessidades do M.O. (Movimento Operário) — pouca importância tem nesta análise se é ou não alguma das já existentes —, só pode surgir a partir de organizações de massas atuais (e não são gratuitamente organizações de massa). Não a partir de qualquer organização, senão explicitamente a partir de suas organizações de massas (PCE, PSOE, UGT, CC.OO., CNT, CSUT e SU).

De fato, o resto das organizações têm demonstrado durante os últimos anos, sua quase nula implantação, sua incapacidade para romper o círculo do sectarismo, sua nulidade política definitiva (contraída por sua entrada em crise depois do fracasso nas eleições de 15-J).

7 — Entre estas organizações (em crise) podemos distinguir dois blocos separados pelo Pacto da Moncloa e pelas eleições sindicais: POE, PSOE, CC.OO., UGT, CSUT e no outro lado, a CNT).

8 — O PCE após seu fracasso nas últimas eleições, encontra-se num processo de construção de um partido eleitoral, girando cada vez mais para direita com suas teses "eurocomunistas" (aceitação da monarquia, Pacto da Moncloa, petição de Tamames de um ministro militar). Curiosamente é na Catalunha onde as teses "Eurocomunistas" estavam subpostamente mais implan-

tadas onde estalou a crise (junto a Astúrias) das emissões da executiva do PSUC (PCE catalão). No fundo está se desenvolvendo uma luta pelo poder onde a jogada fundamental consistirá em afastar a velha guarda para substituí-la por homens mais submissos às constantes viradas de direção do PCE (coisa semelhante já está se realizando nas CC.OO.).

9 — O PSOE é o partido mais jovem da Oposição espanhola embora que constituído artificialmente como alternativa ao PCE e portanto, absolutamente necessitado de quadros. Esta necessidade tem feito que não haja podido evitar a formação em seu seio de um certo setor de esquerdas provenientes de outros grupos, setor que trataria de aproveitar para si os resultados do 15 de J. e o Aparato do Partido (setores largocaballeristas, vallecánistas, agrupamento de Barcelona etc; partidário da República, da ditadura do proletariado e de um certo "marxismo revolucionário"). Mas a direção do PSOE pode de fato vir a controlar esse aparente perigo: utilizando este setor para o controle de UGT e ampliando o partido para a direita (a aí o papel da famosa unidade socialista, entrada do PSP, de FPS, PSC, PSC-R, do PSOE e incluídos os "Cantareristas").

10 — CC.OO. (Comissões Obreras) tendo a conerter-se mais e mais na sindical do PCE favorecido este processo pela decomposição do resto de organizações que se encontravam no seu seio (LCR, MCE, OIC, PTE e ORT). E de fato para garantir a docilidade de seus quadros, adotam por vias distintas "ascendê-los" ao partido ou no interior do Aparato, desgastando assim a base, ou colocar homens novos sem experiência em muitos casos (provenientes de outras organizações ou da base do partido) nos postos de responsabilidade, desprezando os elementos mais combativos de CC.OO.

Assim o PCE está dirigindo as CC.OO. até uma aproximação à UGT apesar do triunfo de CC.OO. nas eleições sindicais, como "prova de boa vontade" para uma aproximação do PCE-PSOE AO MODO FRANCÊS: De fato tem surgido no seio do PCE-PSUC proposta de integração de CC.OO em UGT, proposta que se justifica na necessidade da "unidade".

11 — A UGT que teve um crescimento espetacular no seu XXX Congresso, está sofrendo nestes momentos um processo de depuração. Se a falta de quadros obrigou o PSOE a aceitar a distintos grupos de trotskistas, hoje esta substituindo-nos por homens do PSOE, incluindo em alguns casos, por homens preparados à toda pressa nos cursos de formação de Madrid.

De fato, sua falta de tradição anterior alvo talvez em Astúrias e no Centro) a tem obrigado a admitir em suas fileiras setores "amarelos" (como ocorreu no setor de Transportes, por exemplo), se bem que hoje trata de deslocá-los ao mesmo tempo que ao setor de esquerda. (Destituição da Federação de Transportes da Catalunha, pela direita, e destituição da Federação do Comércio DE Madrid pela esquerda) UGT joga a carta do sindicato europeu e multinacional (no estilo alemão, no estilo PSOE) de uma potentíssima burocracia sindical. Mas conta com o "handcap" de ser hoje em dia a menos combativa, junto a USO, das centrais sindicais.

12 — CSUT é o melhor exemplo de sindicato correia-de-transmissão (como também o é SU ainda com matizes, que marcariam discordâncias entre PTE e ORT). A dominação do PTE a arrasta até à demagogia e ao populismo. A falta absoluta de democracia interna tem conduzido ao expurgo (sentor Linde) e ao corpo de aparato por um novo setor dominante no PTE, setor que provém do PCE (Cando).

13 — A CNT se encontra numa posição radicalmente distinta, não está comprometida DIRETAMENTE (ainda que de outro modo) no processo de afirmação da dominação burguesa e é hoje em dia organização mais combativa nas reivindicações concretas do M. O. Entretanto sua carência absoluta de plataformas políticas, de alternativas reais e globais, permite sua integração e inclusive sua utilização política pela direita.

Ao mesmo tempo, e para garantir essa utilização pela direita vai sendo mais e mais podada por uma direção arcaica do tipo anarco-fascista, que impede o debate interno inclusive o próprio crescimento. O espanholismo (justificado num incrível federalismo), o apoliticismo (que significa não criticar os partidos da bur-

guesia mas sim aos de oposição), o abstencionismo (menos votos para esquerda) e inclusive os atentados e a desestabilização (mais votos para direita), unido às cumplicidades policiais, à convivência faista-tarradellistas, o ataque contra qualquer intento de alternativas à destruição do Sindicato em favor dos "ateneos" e "organizações integrais" e inclusive a AFIRMAÇÃO CONSTANTE DO ANARCO-SINDICALISMO (não é em vão que a palavra se criou no exílio) como garantia de dominação do setor "anarquista" que impede seu desaparecimento e sobretudo a recuperação por parte dos vencedores (ou seja S. I.) da história da CNT, estão aí como elementos contraditórios.

14 — Entretanto, esta análise das organizações de massas não pode de nenhum modo ter saídas negativas. Se existe uma alternativa futura do M. O. esta alternativa se encontra JÁ, ainda em estado embrionário no seu interior, não pode ser exterior ao M. O., também é certo o surgimento DE SETORES que desde as diferentes organizações tratam de ângulos diferentes de combater a tendência ao desastre.

Em forma definitiva a luta de classes não se desenvolve só entre o Capital e o Trabalho, toma forma também no INTERIOR DAS ORGANIZAÇÕES OPERARIAS.

15 — A CNT permite entretanto o reagrupamento do setor mais combativo da classe operária (e como exemplo observe-se o ocorrido nas sucessivas greves de Comércio-Metal, Transportes, etc). Os acontecimentos do Scala (atos terroristas) paradoxalmente não foram bastantes para queimar e desprestigiar a CNT (mas sim sua militância) diante do M. O. e como foi o período pistoleiro de 20-21 não foi suficiente para acabar com a CNT (ainda que cabe marcar aqui que não se trata de predestinação senão de uma possibilidade real mas NÃO ÚNICA). Permite, no entanto, que a classe trabalhadora manifeste um movimento DE RACHAÇO (que corre o risco de ficar unicamente nisto, se a CNT não é capaz de construir a alternativa) diante do oportunismo político dos partidos e organizações firmantes do Pacto da Moncloa, um movimento só freiado pelo oportunismo "banditismo" da própria CNT e pela inexistência de alternativas reais.

16 — Entretanto, esta alternativa, a alternativa CNT ou a alternativa de bloco de esquerdas CNT em confluência com outros blocos de esquerda, não será possível sem a existência de um setor em seu interior que seja capaz de DIRIGIR A LUTA DE CLASSE NA CNT, de alterar a atual correlação de forças, de colocar a CNT no M. O.

17 — Combater a direção esclerosada atual, os setores anarco-fascistas, dotar a CNT de uma estrutura sindical-revolucionária, tratar de dar respostas oriundas da CNT aos problemas do M. O. que têm sido colocados, ser capaz de converter a CNT na vanguarda do movimento operário deve ser hoje nossa tarefa. Uma tarefa que passa pela luta em todos os terrenos: ORGANIZATIVO, POLÍTICO, IDEOLÓGICO E REVINDICATIVO. Além da construção de objetivos a curto e médio prazos. Pela busca de respostas diante da possibilidade de mudança revolucionária.

18 — O apoliticismo, e a colaboração, a mistificação e o sectarismo, o reformismo e a desestabilização são em realidade a mesma face da moeda. E frente a isso só cabe a LUTA DE CLASSES DECIDIDA.

Este tem de ser o vínculo de nossa afinidade e de nossa organização.

Artigo (ao lado) extraído do jornal "Tierra y Libertad" (Março-Abril de 1980). Órgão da FAI (Federação Anarquista Iberica) a pedido de Juan Gomez Casas.

# QUADRILOGIA ROMANTICA

→ LÍDIO BARROS

A Teresa, Goretti, Helenicy, Nani.

## I—AMOR A MAR

o amor é sempre a surpresa  
que a amante proporciona  
é uma coisa tão grande e...  
a gente nem sabe como cabe  
num cantinho do lado esquerdo  
ou em todo nosso pequeno corpo  
o amor essa expansão  
e faz-nos tão pequeno de grande  
pois bem melhor que amar-se é...  
ser amado.

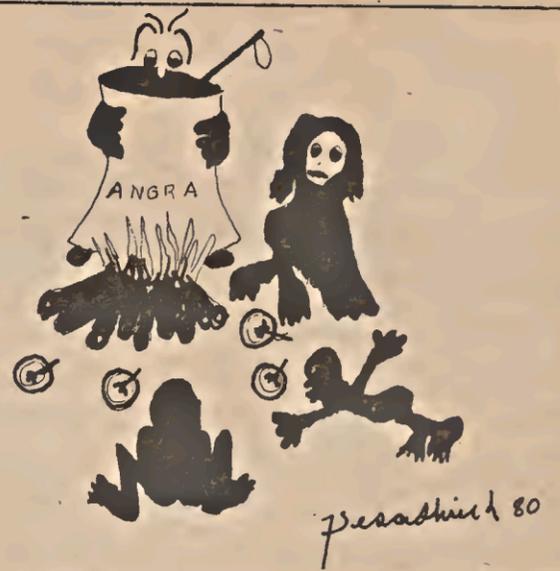
ah! amar  
noite/dia qualquer hora  
tão bonito quanto macio  
ela e eu eu e ela  
que de um quarto vazio  
transformamo-nos quente ou frio.  
amar em conjugos todas as suas  
formas dizendo nós.  
perco a identidade elimino  
a vaidade  
amando horas a fio.  
ligo-me no infinito  
e quero te abraçar  
amo todo vadio  
com os olhos recolho  
o teu carinho  
pois o sorriso dela  
é o meu caminho.  
amor eu sou seu bichinho  
eu sou você  
eu sou seu ser  
eu sou amor  
amor.

## II—IN-CERTEZA

olhar fugidio  
gesto brando  
oculta o falar.  
lábios esquentados  
pelo cigarro aceso  
pigarro escondido  
em noite de luar  
verdes mares  
qual é o teu lugar?  
e a tua paixão?  
nos ecos refletidos  
ao jeito solto  
dos seus cabelos  
ao vento  
à janela  
quando a bela  
sombra saboreia  
o raio do sol  
reluzindo vibrações!  
certeza é a realidade  
realizada em um belo  
que ainda não veio  
mas... virá!  
certeza é também  
o desejo certo  
como uma paixão  
esperando os segredos  
daquilo que ainda  
não se declarou

certeza é a vontade,  
se possuir ao se dar  
com a vantagem  
de receber.  
certeza é algo a mais  
e a gente busca  
encontrar em algum lugar  
que pode estar ou...  
ser você (?)  
certeza certa  
quem sabe onde está?  
como buscá-la  
como acertar?  
certeza pode ser isto  
que lhe digo  
mas se não tem satisfazer  
talvez assim saiba que...  
a poesia teve em mim  
seu fim.  
Certeza na certa  
Certeira será se  
Certamente frutificar (mos).

## UM REI AMEAÇADO



## III—NEO—ACRÓSTICO

magia...  
ela em si  
traz o gosto do mar  
jeito feiço  
sorriso matinal  
voz de flor meiga como a brisa.  
com o mar à sua frente  
brinca de sereia e adormece  
na areia clara  
em sonhos passionais.  
almeja o sabor da vida  
adocicado pelo amor  
e por ele  
entregar-se-á- amena  
sem recelos  
os perigos são passageiros  
e os riscos normais.  
serena e tranqüila  
a esperança é o reflexo  
do seu verdejante olhar!  
alegria é a força de encontrar  
alguem que nos sorria sempre  
à felicidade de viver livre às paixões!

## IV—NANYANDO!

a saudade dói mais quando a gente sabe  
que não é lembrado.  
Há tantas estrelas no céu  
e eu prefiro o teu olhar  
passageiro, distante, fugidio, azulado.  
traços formosos e alegres  
como um poema ou uma melodia.  
nerdeia doirada em conchas de cristais  
reflexo insofismável de  
um sonho lírico passionai.  
suave de leveza floral  
brilha intensamente em todos os locais  
com seu sorriso és criança  
graciosa e jovial.  
as cores se revelam mais belas  
em sua forma primaveril feminina.  
a voz doce como um canto de sereia  
encanta voando acordes vocais.  
por te salva-se até o céu  
para que a tua beleza e inteligência  
sejam salvas não terminando  
entre os finitos mortais.  
a beleza é a forma  
que o amor encontrou  
para te perpetuar encantando-se!!!

## MINEIRO

→ NESTOR TAMBOURINDEGUY TANGERINI

**Mineiro, a vida vale o quanto valho,  
mineiro, eu sou um simbolo profundo:  
no amor, na fé, na arte, no trabalho,  
todos somos mineiros neste mundo.**

**Mineiro é aquele a que o destino junca  
e atrai aos pés de alguém que não lhe quer:  
é quem ama sofrendo e não encontra nunca  
a pepita do amor no peito da mulher.  
É o mineiro da dor o que vive lutando  
com o próprio sofrimento, que o conduz;  
é o mineiro da fé o que reza e, rezando,  
torna menos pesada a sua cruz.  
Mineiro é o poeta, surdo as outras vozes,  
ouvindo a voz apenas da tristeza,  
e que extral, do carvão aceso das nevroses,  
o diamante do sonho e da beleza.  
É mineiro como eu todo o operário,  
todo o operário que produz e ansela,  
e, com o eterno suor do seu calvário,  
ergue o castelo da ventura alheia.**

**Sim, neste mundo, onde a existência medra,  
há um mineiro da vida em cada ser,  
destinado a morrer entre os blocos de pedra  
da própria mina que nos faz viver.**

EDITORA E LIVRARIA "A" LTDA.,  
Caixa Postal: 2540, Salvador (BA),  
CEP 40.000.

Se você quiser receber sua assinatura DE GRAÇA, basta que voce faça 4 (quatro assinaturas) entre seus amigos. A sua então será gratuita.

O INIMIGO DO REI  
COMO ASSINAR?

Basta que você mande um VALE POSTAL (comprável em qualquer agência dos Correios) no valor de Cr\$ 150 e terá o seu jornal em casa DURANTE UM ANO. O vale você manda em nome de

**assinatura**  
**O INIMIGO DO REI**  
NOME: .....  
ENDEREÇO: .....  
CIDADE: ..... ESTADO: .....  
CEP: .....  
UM JORNAL ANTIMONARQUISTA

ENERGIA ATÔMICA?  
NÃO OBRIGADO

ENERGIA ATÔMICA?  
NÃO OBRIGADO

ENERGIA ATÔMICA?  
NÃO OBRIGADO